

ILUSTRAÇÃO



4.º ANO

Lisboa, 16 de Junho de 1929

PREÇO

NÚMERO 84

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

4\$00

A MELHOR, MAIS DELICIOSA E BEM
PERFUMADA

AGUA DE COLONIA

É A DE



↓

BENAMÔR

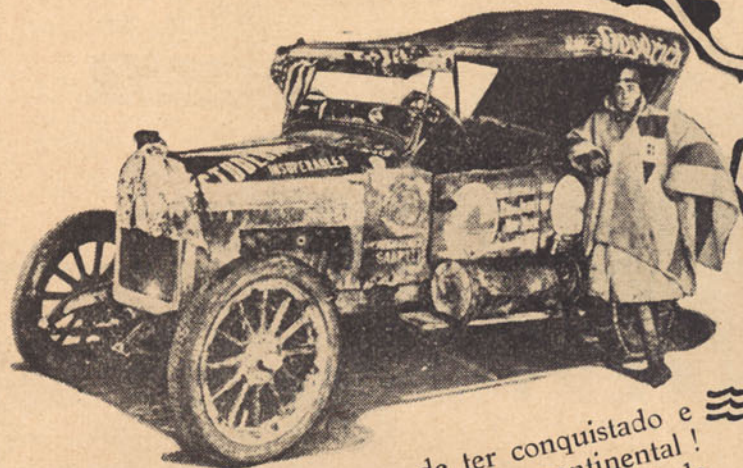
↓

RAZÃO POR QUE TODAS AS PES-
SOAS DE BOM GOSTO A PREFEREM

Pedidos à Secção de Perfumaria da «EVA»

Largo Trindade Coelho, 10 — LISBOA

O STUDEBAKER LIGA DOIS CONTINENTS!



Ao Studebaker cabe a honra de ter conquistado e aberto, por assim dizer, uma estrada inter continental! José Barone partiu do Rio de Janeiro, Brazil, em 11 de Janeiro de 1927, num Studebaker Light Six, modelo de 1922, que já andara 160.000 Klm., e em 1 de Março de 1929 chegava a New York. Foi o seu o primeiro carro que percorreu os 32.000 Klm., que separam as duas cidades, ligando deste modo a America do Sul com a America do Norte.

Esta extraordinaria viagem atravez 14 paizes, custou a vida a 3 mecanicos, que sucumbiram uns, por accidentes succedidos no percurso, outros devido à enorme fadiga resultante dum tão ousado empreendimento. Atravessando matagães, pantanos e desertos, Barone, com o seu carro, realisou uma façanha que ficará na historia e será uma bella corôa de gloria a juntar aos anteriores records Studebaker! Os Studebaker deteem 11 records mundiaes, 22 records internacionais e TODOS os records officiaes americanos em carros de serie. Nenhum outro fabricante pode oferecer, com tamanha evidencia, demonstrações tão concludentes do grande valor dos seus carros e do seu perfeito funcionamento.

Podeis comprar estes carros com o vosso rendimento, sem tocar no capital.

Unicos representantes para Portugal : C. SANTOS, LDA.
LISEOA : Rua do Crucifixo 55 a 59.
PORTO : Praça da Liberdade,
Edifício da Nacional.



STUDEBAKER





Depositários gerais para Portugal e Colónias:
ROBINSON, BARDSLEY & C.ª L.ª — Cais do Sodré, 8 — LISBOA



S. A. P. Serviço com aviões
JUNKERS
 Vôos — Sobre Lisboa, Propaganda Comercial, Taxi a SEVILHA e a outros pontos do estrangeiro e do País

AGENTES EXCLUSIVOS EM PORTUGAL DA

Union Aerea Espanhola — Madrid

E

Lignes Aeriennes Farman — Paris

Vendas de bilhetes para as linhas exploradas por estas C.ªª

AV. DA LIBERDADE, 3, 3.ª — Telef. N. 5710

CAMINHOS DE FERRO

Bilhetes de ida e volta a preços reduzidos aos domingos e dias de feriado nacional

No primeiro domingo do próximo mês de Junho a C. P. restabelece, nas linhas do Sul e Sueste, a tarifa especial temporária n.º 7 bis de grande velocidade, relativa a bilhetes especiais de ida e volta a preços reduzidos, válidos para viagens aos domingos e dias de feriado nacional, das estações de Lisboa e Barreiro até Setúbal e Seixal para as de Lavradio até Setúbal e Seixal.

Esta tarifa acaba de ser tornada extensiva à estação de Aldega-lega, para ou da qual serão também vendidos aqueles bilhetes.

CAMINHOS DE FERRO

Bilhetes de "tramways" entre Barreiro e Setúbal

A C. P., na intenção de promover o barateamento dos preços do transporte de passageiros entre as estações de Lisboa e Barreiro até Setúbal, vai estabelecer, com princípio em 1 de Junho próximo, uma tarifa de bilhetes a preços reduzidos para combóios «tramways», permitindo assim que o público possa viajar mais economicamente naquele trajecto.

Os novos bilhetes de «tramways», que são estabelecidos para as tres classes, serão válidos para todos os combóios que circulem entre Barreiro e Setúbal, com excepção apenas dos combóios correios e rápidos (N.ºs 800, 801, 851 e 852) e para todos os vapores que com aqueles combóios se liguem, quando os passageiros procedam ou se destinem a Lisboa-Terreiro do Paço.



CONTINUA A MANTER

A SUA SUPREMACIA

VEJAM O NÚMERO DE JUNHO



Gostaes Dos Bons Bocados ?

Na verdade são muito agradaveis, mas o peor é o mal que fazem á saude! Para recompôr o estomago e intestinos e evitar-lhes qualquer fadiga, não ha como recorrer regularmente aos saes de fructa "ENO".

O ENO é uma preparação salina efervescente, sem assucar ou sal mineral purgativo, que dá vigor ao organismo e anula os efeitos das indisposições do estomago e figado, devidos a um desvio ou falta de regimen. O ENO estimula o intestino, desobstruindo-o suavemente. Possui muitas das propriedades benéficas da fructa e é, para os gulosos e amadores de bons petiscos, o amigo de hoje, de amanhã e de sempre.

Uma colher das de café, num copo d'agua, de manhã e á noite.

Depositaris em Portugal :
ROBINSON, BARDSLEY & Co. LTD
8, Caes do Sodré, Lisboa.

As palavras "Fruit Salt" - "Sal de Fructa" e "Eno", assim como o retulo, são marcas da fabrica registadas.



O excesso de ácido úrico é perigoso para todos, porque provoca um envenenamento do sangue. É o principal causador do Artrismo. É uma verdadeira grilheta que se póde arrastar toda a vida. O tratamento mais eficaz, fácil e económico consiste em usar sempre a água preparada com

Lithinés du Dr Gustin

É o melhor regime a seguir, por saos e doentes, para se preservarem das afeções produzidas pelo excesso de ácido úrico, como:

Reumatismo, gôta, calculos, colicas nefríticas e hepáticas, sciática, diabetes, etc.

Sómente por esta forma se evitará o envenenamento urático e suas consequências.

Acido urico



Não confundir com as imitações.



REO

CAMIONETES

6 cilindros - Travões hidraulicos ás 4 rodas

Cambota apoiada em 7 bronzes

4 tipos para passageiros - 12 tipos para carga

A estatística Griffen da Universidade de Michigan coloca a REO em primeiro lugar na categoria «duração» entre dezenas de outras marcas de grande fama. Esta estatística foi feita sobre carros que resistissem a 8 anos de trabalho consecutivo

REO é o mais alto valor em veículos comerciais e de turismo

PREÇOS DA FABRICA

CONTRERAS & GARRIDO L.^{da}

AVENIDA DA LIBERDADE, 165 a 171

Telef. N. 789 (P B X)



Por maus caminhos... e segue!

O automovel de incomparavel valor...

O nome de indiscutivel garantia...

Chrysler

Combatido por aqueles que não o conhecem ou têm interesse em combatê-lo, faz a admiração de todos que, mais sensatos, o possuem.

Brevemente camionettes "Fargo",
construidas por CHRYSLER

AGENTE GERAL: A. BEAUVALET, RUA 1.ª DE DEZEMBRO, 137
— LISBOA — DISTRIBUIDOR PARA O NORTE: ANGEL
BEAUVALET, RUA DE SANTA CATARINA — PORTO.

Para entrega imediata todos os modelos, IMPERIAL, 65, 75,
e PLYMOUTH
SUB-AGENTE: ALBERTO CAMARA, R. da Escola Politecnica — LISBOA

Os Dentifricios
de
GELLÉ FRÈRES
PARIS



Conservam-lhe:
Uma maravilhosa
dentadura.
A beleza de sorriso.
A brancura dos dentes.
O alito perfumado.

Eles lhe darão tudo isto.
Não queira outros.

A venda em todas as boas Casas

AGENTES GERAIS STETTEN & C.ª Lda 118 RUA DA MADALENA LISBOA

RAINHA DA HUNGRIA
OS MELHORES PRODUCTOS
PARA OS CUIDADOS DA PELE

**ACADEMIA SCIENTIFICA
DE BELEZA**

Directora: MADAME CAMPOS

Avenida, 35 - Telefone Norte 3641 - LISBOA



UM BELO PASSEIO!

Não se esqueça V. Ex.^a do melhor elemento que lhe póde alegrar a excursão e divertir os excursionistas:

UM GRAMOFONE "His Master's Voice"

e um bem escolhido programa de DISCOS DA MESMA AFAMADA MARCA
Queira V. Ex.^a visitar os seus Agentes exclusivos:

GRANDE BAZAR DO PORTO

150-Rua Augusta-152
LISBOA



192-Rua St.^a Catarina-198
PORTO

Onde passareis estas férias ?

Mais algumas semanas e transformar-se-hão em realidade as encantadoras esperanças das férias que se aproximam.

Seja qual fôr o lugar que escolherdes — o mar, o campo, a montanha — mil incidentes, os mais agradáveis, preencherão essas admiráveis horas! Não as deixeis perder! Conservei-as perpetuai-as, prolongai-as em fotografias "Kodak".

Completai as vossas férias com um "Kodak"

Sentireis um enorme prazer em obterdes os vossos instantaneos, satisfação e orgulho em os mostrardes, e... mais tarde, uma enorme alegria em reverdes, num simples relancear sobre as paginas do vosso Album "Kodak", as vossas férias, os vossos entes queridos, os vossos momentos de felicidade.

Nas boas casas de artigos fotográficos encontrareis sempre um entusiasta do sistema "Kodak" que vos auxiliará na escolha do vosso "Kodak".

A simplicidade dum "Kodak".

Evite complicações: Os "Kodaks" não tem senão os órgãos e acessórios indispensáveis para que o amador obtenha as melhores fotografias; são isentos de complicações que embarçam e que tantas vezes comprometem os resultados.

Kodak Ltd., 33, Rua Garrett, Lisboa



COLEÇÃO BARATA

**O
RÉCORD**

DA EDIÇÃO DE LUXO
DE OBRAS DE VALOR
DE AUTORES DE NOME
POR PREÇOS POPULARES

UM VOLUME MENSAL
MAGNIFICO PAPEL
CAPA A CORES
MUITOS CENTOS DE PÁGINAS

PREÇO:
4 ESCUDOS

ROMANCES ESCOLHIDOS ENTRE AS OBRAS PRIMAS DA LITERATURA MUNDIAL.

PRIMEIRO VOLUME DA "COLEÇÃO BARATA"

ATLANTIDA

A obra prima de
Pierre Benoit

MARAVILHOSO ROMANCE DE MISTÉRIOS, PAIXÕES E AVENTURAS NO SAHARÁ

Acaba de sair o **SEGUNDO VOLUME**

UM IDILIO TRAGICO

Obra genial de **Paul Bourget**, um dos melhores romances, mais empolgantes da moderna literatura francesa

**A SEGUIR NA
COLEÇÃO
BARATA**

**CADA VOLUME
COM CAPA
A CORES E
CENTENAS DE
PAGINAS POR
4 ESCUDOS**

CRIME E CASTIGO, de FEDOR DOSTOIEWSKI. — O DIABO BRANCO, a novela máxima da produção espanhola em 1928, por LUÍS DE OTEYZA. — O HOMEM QUI ASSASSINOU, de CLAUDE FARRÈRE. — GARRÁS DE VELUDO, por IVOR MAC CHURCHST. — O FILHO DA VOLUPIA, de GABRIEL D'ANNUNZIO. — DOIDA DE AMOR, de ANTERO DE FIGUEIREDO (da Academia das Ciências). — A CÓLERA DE DEUS, de LEONIDAS ANDREIEFF. — MEMÓRIAS DE SATANÁS, de LEONIDAS ANDREIEFF. — OS CAMPONIOS, de ANTON TCHERKOFF. — BOÊMIA SENTIMENTAL, de GOMEZ CARRILLO. — O CALVÁRIO, de OCTAVE MIRBEAU. — O DÓBO, de ALEXANDRE MERCULANO. — A TULIPA NEGRA, de ALEXANDRE DUMAS. — O HOMEM DE RAPINA, de JOÃO DE SOUSA FONSECA. — O BRACELETE DE RUBIS, de ALEXANDRE KUPRINE. — O EXTRANHO CASO DO DR. JEKYLL E MISTER HYDE, de L. STEVENSON. — O CRIME DE GRAMERCY PARK, de A. K. GREENE. — AVENTURAS EXTRAORDINÁRIAS DE RALPH WILLIAMSON, por IVOR MAC CHURCHST. — O PADRE JÚLIO, de OCTAVE MIRBEAU. — UM CLUB DE MÁ LÍNGUA, de FEDOR DOSTOIEWSKI. — O EXPRESSO FANTASMA, por IRVING MAC CHEANG. — A ROSA AMARELA, de MAURÍCIO YOKAL.

TÓDAS AS CORRENTES LITERÁRIAS, DE TODOS OS PAÍSES, REPRESENTADAS
PELAS SUAS OBRAS MAIS EMOTIVAS

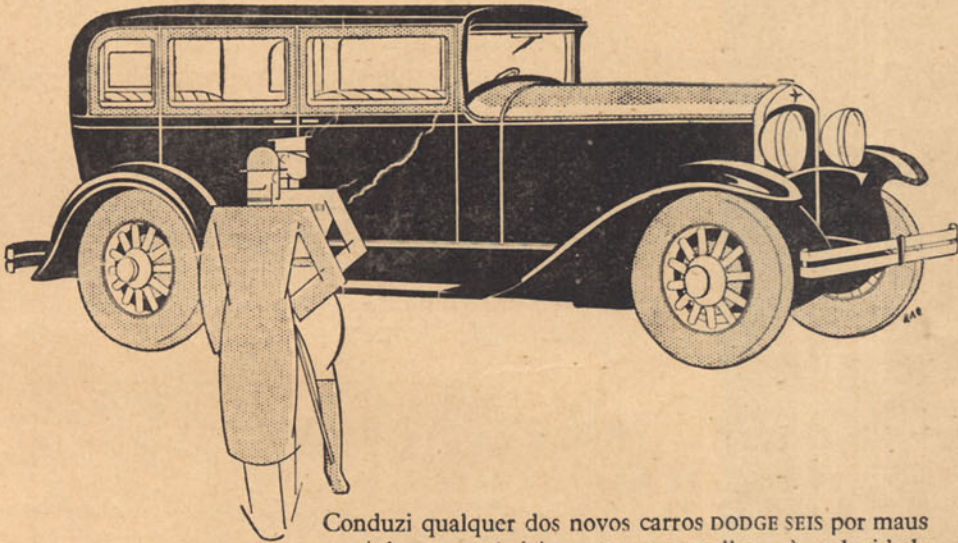
REEDIÇÕES DE CLASSICOS EDIÇÕES DE AUTORES NOVOS

Editores:

LIVRARIAS AILLAUD & BERTRAND

COLEÇÃO BARATA

UMA CARROSSERIE INTEIRIÇA NÃO SE TORNA NUNCA BARULHENTA!



Conduzi qualquer dos novos carros DODGE SEIS por maus caminhos, por ladeiras ou por atalhos, à velocidade maxima do seu potente motor. Empregai a fundo os seus travões hidraulicos em todas as curvas que vos apareçam. Conduzi ainda um dos novos carros DODGE BROTHERS SEIS por onde e como melhor vos aprouver, durante anos seguidos.

E no fim encontrareis a sua carrosserie tão elegante, tão solida e tão silenciosa como no principio. E isto porque a carrosserie destes carros tem uma construção especial. Não ha juntas; é por assim dizer uma só peça rigida e inteiriça, que assenta directamente sobre o chassis formando com este um corpo unico. Daí a excepcional estabilidade e resistencia deste DODGE BROTHERS SEIS, o unico carro com semelhante construção.

Idc vê-lo e experimentai hoje mesmo!

**O NOVO
CARRO**

DODGE BROTHERS SEIS

BERNARDINO CORREA & CIA, 1 AV. DA LIBERDADE, LISBOA

DODGE BROTHERS' MOTOR CARS, PRODUCT OF CHRYSLER MOTORS, DETROIT, MICHIGAN

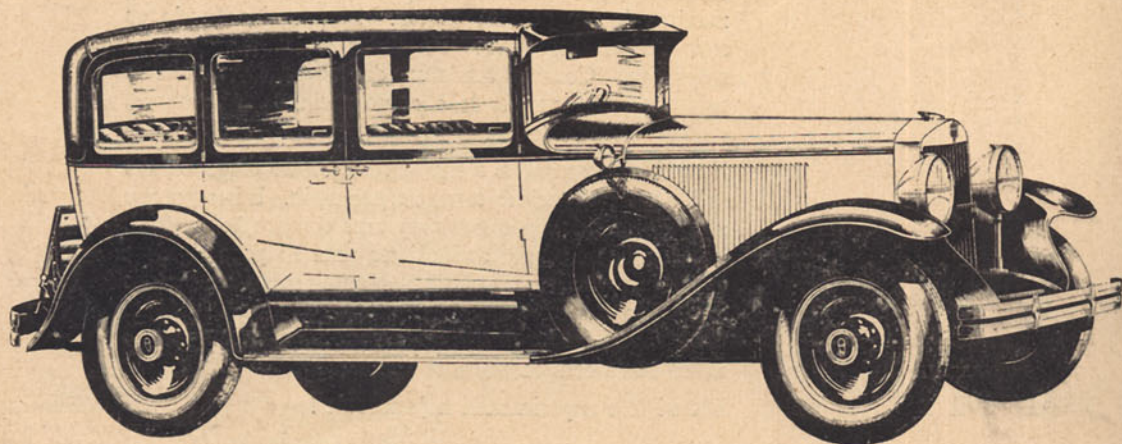
CONSTANTEMENTE APERFEIÇOADO



A Graham-Paige oferece uma grande variedade de carrocerias, incluindo Roadsters, Cabriolets, Coupés e Carros de Turismo, em cinco chassis diferentes, de seis e de oito cilindros — a preços diversos. Todos são equipados com a mudança de quatro velocidades, excepto o modelo 612.

CONVIDAMOS V. Ex.^a a conhecer os automoveis Graham-Paige de seis e de oito cilindros com novos e numerosos aperfeiçoamentos que representam nosso aturado esforço em oferecer um producto cada vez melhor. Cremos que V. Ex.^a apreciará a beleza, conforto e extraordinario valor destes automoveis a par do surpreendente funcionamento da sua mudança de quatro velocidades (duas altas velocidades — mudança *standard*). Temos um carro á sua disposição.

*Joseph D. Graham
Robert C. Graham
Ray A. Graham*



SEDAN MODELO 827 PARA CINCO PASSAGEIROS

Representante geral para Portugal: **J. COELHO PACHECO**

1, Avenida da Liberdade, LISBOA — *Salão de Exposição e Serviço*, 90, Rua Braancamp, 94 — Tel. — (P. B. X.) N. 2595

Agentes no Porto: MANUEL DA SILVA CARMO & C.^{TA} L.^{DA} — 129, Rua de Santa Catarina, 133

GRAHAM-PAIGE

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

TIPOGRAFIA

DA «ILUSTRAÇÃO»

R. da Alegria, 30 — Lisboa

REDACÇÃO

R. Cecílio de Sousa, 77-1.º

(Ant. R. da Provisão)

Telef. N. 873

ANO 4.º — NÚMERO 84

ILUSTRAÇÃO

DIRECTOR-DELEGADO :

JOÃO DA CUNHA DE EÇA

DIRECTOR :

JOÃO DE SOUSA FONSECA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DE :

EMPRESA NACIONAL

DE PUBLICIDADE

E

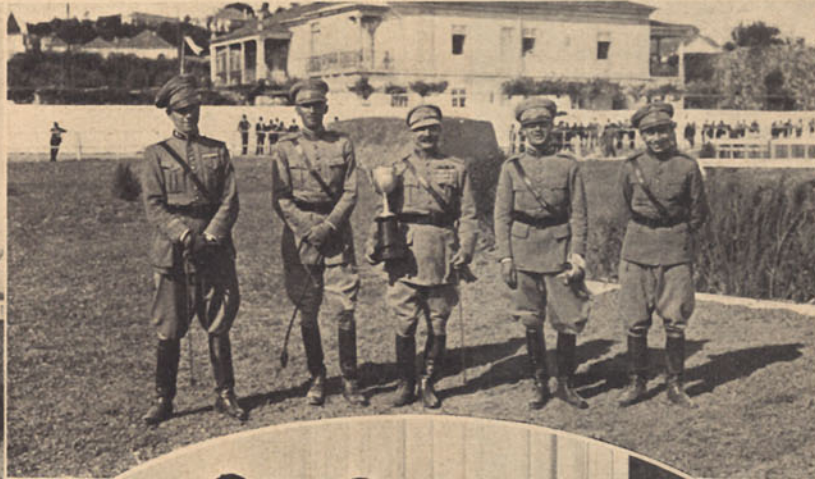
AILLAUD LTD.*

ADMINISTRAÇÃO

R. Diário de Notícias, 78

Telef. : T. 821 a 824

16 DE JUNHO DE 1929



EM CIMA, à esquerda: A equipe representativa da esgrima portuguesa que venceu, brilhantemente a equipe inglesa no I Portugal-Inglaterra realizado no Estopil. — à direita: A equipe de cavaleiros portugueses que ganhou definitivamente à Espanha a «Copa de Oro de la Península» em Pallavá. Sobranchando o belo troféu o tenente-coronel Manuel Latino, chefe da equipe. — No oval: Sir Eric Drummond, secretário geral da Sociedade das Nações e os seus colegas de missão que estiveram em Lisboa, com um grupo de jornalistas a quem expuzeram a sua admiração pelo esforço progressivo de Portugal. — Em baixo: A recepção, no Ministério dos Negócios Estrangeiros a Sir Eric Drummond e outros ilustres delegados da S. das N.

(Fotos Salazar Denis.)



OS ACONTECIMENTOS MAIS IMPORTANTES DA QUINZENA

ERONICA DA QUINZENA

Num dos inumeráveis «ateliers» de Paris em que se fabricam quadros de mestres, por atacado, Corots, Millels, Teniers, Ticianos e toda a sorte de primitivos. Os museus e as galerias particulares da América estão atalhadas destas obras-primas. Também não são raras no Louvre e noutros museus da Europa. Um colecionador, «persona grata», vai surpreender o artífice no momento em que procede ao lavoro duma destas pinturas, voladas, como os cavalos de corrida, não se sabe bem, a que estupendos certames.

— Donde veio o retabulzinho? Falsificado...?
— Não; andava para aí aos tumbos. Lembrei-me de o limpar e creio que não perdi o meu tempo.

Debruçou-se o colecionador para o quadro que representava a cabeça tristonha e macerada de Cristo acima de meio torax esquelético. A água, castigando como um verniz, punha em relevo, contra o fundo de betume, os contornos firmes da figura, modelada com delicadeza pelo processo das meias tintas, restituindo ao colorido, um pouco monocromico, todo o seu brilho de esmalte. Na barba sedosa, quasi ruiva, na cabeleira que se sentia empastada de suor à flor da carne e soprada para cima em desalinho, poder-se-iam contar os pelos um por um. E com a mesma finura de traço e a mesma sciencia do nu, reforçando ainda a impressão de fragilidade que infundia a cabeça, continuavam pescoço e tronco a melancólica sinfonia de tons lívidos da carne exangue, dolorosa. Em guisa de cantoneiras, pequenos festões a amarelo, semi-extintos, luziam contra o fundo escuro, e uma fenda viúva do alto até à raiz do peitoral, como a atestar a procveta idade da tábua.

Ao vêr-lho examinar à luz, com demora, na sua beleza primeiro, depois na sua estrutura física, tintas, empaste, espécie e idade da madeira, enxovalhos do tempo e furos do caruncho, disse aquele pintor de obras-primas:

— Antigo, não há que vêr. E ou muito me engano ou estamos diante duma cabeça de Morales.

— Não está assinado.

— Foste grande e desgraçado artista nunca assinava, nem era preciso. O seu pincel é infundível.

— Mas porque é um Morales?

— Ora repare: vê esta linha do nariz, fino, ósseo, tão hebraico e, lá, ao despedir da fronte este toque de dureza? Parece um estigma do modelo ou uma falha de estilo e é bem uma das características das figuras de Morales. Vale por uma assinatura. Olhe para a orelha, um pouco deslocada ao alto; repare para esta carne macilenta, quasi diafana, estes olhos espiritualizados a sofrer e tão humanos que parecem mais duma criatura a chorar sobre si que dum Deus a chorar sobre o mundo... Este tópico não é para omitir num pintor espanhol. Realistas sempre; ainda que arroubados ao céu, nunca se esqueciam da terra que pisavam. Observe a quebradiça esbelteza do Cristo, a expressão duma angústia sobrehumana, o perdão misericordioso do olhar, velado pelas longas pálpelas... Quem poderia transportar para a tela todos estes mimos senão Morales?

— Poderá ser, mas não estou convencido...

— Atente na barba e nos cabelos... Sabe o que Palomino diz d'elles no *Museu Pictórico e Escola Optica*: «parece que vóam ao vento, se a gente lhes soprars». Isto e o ascetismo magoado da fisionomia só podem ter um autor: Morales.

— Parabéns; não o queria por cem francos.

— Não o cedo por cinqüenta mil.

— Tudo imitação? — exclamou o amador de

arte, ante toda uma pintura proteica, babilónica, que escalava as paredes até o teto.

— Nem tudo.

— Aquele cenobita mirrado entre a cruz e a caveira?

— Um Zurbaran. Novo.

— E o lapuz de pantalinhas vermelhas a fazer tagatés à moça da estalagem?

— Van Ostade. Novo também.

— A paisagem das vacas e poldros?

— Ruysdaël; acabei-o há uma semana.

— Falsifica toda a espécie de pintura?

— Contrafaço, meu illustre amigo, contrafaço. É uma arte subtil e delicada.

— Como a da moeda falsa...

— Por quem é. Os vindouros serão agradecidos ao contrafaçador de hoje. Quando as obras originaes tenham rareado à força das mil e uma vicissitudes em que os séculos são férteis, quando estes quatrocentos annos que nos separam das primeiras escolas não sejam mais que um breve lapso de tempo na vida procveta da humanidade, os meus falsos valerão tanto e tão bem como as autenticas produções dos mestres. Terei contribuido para a glória d'elles, enriquecido o patrimonio comum, e o meu esforço será tido como nobre e louvável.

— Assim será. Mas, pois que tudo é relativo, a sua obra, neste momento, é tão pouco a recomendar que até está sob a alçada do código.

— Sendo certo que o porvir me dá razão, demonstrado está que a lei é absurda. Mas ouça... Suponha que sou possuidor dum anel de ouro, esculpido, vá, um anel maravilhoso, raro, que andasse nos dedos da rainha Semiramis. Suponha ainda que lhe avalei os quilates; o pecei até o miligramma; lhe fixei os enfeites até a beliscadura imperceptível do buril; lhe copiei a côr, e fundi no lavrei um segundo, tão igual a elle como duas gotas de água são iguais. Posto isto, pego no anel paradigma e derreto-o no cadinho. Porque não há-de o meu segundo anel ser para todos os effeitos o anel da rainha Semiramis?

— Porque não foi esse que lhe andou nos dedos. Materialista, como é, não comprehende o que de espirital communicaram à jóia os dedos reais.

— Não comprehendo, de facto. Para mim existem formas, e não espiritos. A minha unica realidade é essa; fora dela, tudo é convenção.

— É o seu critério!

O pintor das obras-primas foi à parede e despregou dois retabulos. Colocando-os em duas cadeiras, apoiados contra a espalda e em boa luz, disse:

— Estes dois retabulinhos forjei-os eu integralmente de accordo com o tema, a técnica, o estilo e até os materiais de dois mestres: Pisanelo, um assombroso pintor do século XIV; Sano di Pietro, pintor menor da escola de Siena. Deste Pisanelo, de que o Louvre possui o retrato duma princesa da casa de Este, e o British Museum um lanceo da *Legenda de Santo Eustáquio*, perdeu-se a obra capital; deste Sano di Pietro existem fragmentos da *Legenda de S. Jerónimo*, no Louvre. Que faço eu? Estudo-os a fundo; analiso-lhes à lente o colorido e a *touché*; tomo nota da madeira que empregaram; o monge Teófilo no *Tratado das várias artes*, Ercelino no *Coloribus et artibus Romanorum*, o próprio Leo-

nardo de Vinci ensinam-me superabundantemente que espécie de aviamento se usava nas tábuas de pintar; conheço a pintura à tempera, unica antes de Van Eyck; abro o meu Ribadeneira e vejo a vida de Santo Eustáquio para o Pisanelo, a de S. Jerónimo para o Sano di Pietro. Escolho os episódios que não estão representados, porque se perdessem talvez, e, assim habilitado, com tintas amassadas por mim, em tábua idêntica à que empregaram, roubada a um mamarracho qualquer se me é possível, transporto as figuras, as paisagens, as côres, os modulos dos dois mestres, tudo condicionado, bem entendido, pelo movimento da acção que vou descrever. Olhe para este Pisanelo: é o desenvolvimento do retábulo de Londres, de accordo, ainda, com a Ginevra de Este do Louvre. Veja o Sano di Pietro: faltava o episódio do burro, roubado pelos ladrões; aqui está com a graça cândida e saborosa, a frescura juvenil do miniaturista. Porque me não seriam agradecidos Pisanelo e Pietro, pois que resuscitaram a sua obra morta, com tanta fidelidade?

— É uma dontrina especiosa. Não representa essa arte um logro à credulidade do próximo?

— A cubição do amador, que é diferente. Pois se eu satisfazo todos os requisitos exigidos no Pisanelo e no Pietro, o anecdótico, o estético, o material, porque não há-de valer como tal?

— Toda a discussão entre nós seria vã. O veredictum contra essas práticas depende do prisma em que cada um se coloca. Sob o ponto de vista moral, não teem defesa. Está o amigo rico?

— Pobre como Job. Enriquecem os *marchands de tableaux*, que lançam mão de todos os pretextos para aviltar a importância desta espécie de trabalhos. Tivesse em uma loja na Avenida da Opera e em poucos meses seria milionário. Deste jeito não ganho mais que o *rapin* que vende do que faz e assim. O que vale é o amador extraviado que aqui vem bater...

— Sêem daqui todos os antigos mestres?!

— Em principio não há pintor que não seja susceptível de contrafação. Mas os pintores são como os géneros de mercearia; alguns são difficilmente imitáveis... os Goya, os Rembrandt, os Leonardo...

— Se lhe quisesse comprar este Pisanelo, quanto pedia?

— Não tem preço.

— Porquê?

— É uma encomenda.

— Fabrica outro...

— Eu lhe digo, este Pisanelo não se vende porque é verdadeiro.

— Verdadeiro?

— Como o sol que nos alumia. Espanta-se? Aqui para nós, com a fingida falsidade do Pisanelo faço acreditar como autenticos o falsissimo Morales e outros. Ai está e não diga nada.

— Nesta Babel de ardis e de astúcias, onde está a verdade?

— Está em toda a parte e em nenhuma parte, onde o senhor quiser. A Beleza é uma coisa intrinseca, *in se*; o resto é illusão. Muito do que há no Louvre era suspeito; já o não é. Muito do que há por essas galerias da Europa era falso como Judas; está criando foros de genuinidade. A minha obra é burla pura; quando os meus falsos estiverem a decorar as salas do *Rel do aço* e do *Rel dos presunhos*, quem osusará affirmá-lo? Com mentiras fabrica o homem as suas verdades; e o extraordinário é que com as verdades alcança menos do que com as mentiras. Tudo é artificio da intelligência!

ESTE NÚMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

AQUILINO RIBEIRO.



A DIREITA: — Casamento do astro cinematográfico John Gilbert com a actriz Ina Claire. O momento solene dos juramentos ante o juiz Foley e os convidados

NO MEDALHÃO: — John Gilbert, o artista querido das senhoras, no momento de assinar o seu contrato nupcial com Ina Claire, em Clark County Courthouse, Las Vegas, Nevada

NO OVAL, à esquerda: — O «récord» do mundo de altura foi batido em Dessau, num «Junkers-Bremens», que se ergueu a 12.739 metros. — Da esquerda para a direita: Engenheiros Thiedemann e Schinzinger e piloto Neuenhofen



O insigne piloto alemão Neuenhofen que em 26 de Maio bateu o «récord» de altura com 12.739 metros, diante do seu avião Junkers «Bremens»



NO MEDALHÃO: — A Associação dos jornalistas franceses viu, na mesa de honra do seu banquete anual, o Presidente da República Mr. Gaston Doumergue e as insignes individualidades Mrs. Barthou, Guarda dos Sêlos, e Doumer, Presidente do Senado (Foto H. Manuel).

A ESQUERDA: — Um dos belos salões das novas instalações, no Pôrto, na Rua dos Carmelitas, da Fábrica de Louça de Sacavém, a maior da península, fundada em 1859

ACTUALIDADES DE TODO O MUNDO



Caricatura do leader trabalhista inglês Ramsay Mac Donald que acaba de ganhar estrondosamente as eleições inglesas e sobre ao poder com um governo cuja acção se espera decisiva para a paz mundial



Sir Austen Chamberlain, que devia, em nome da Inglaterra, discutir em Madrid, na reunião da comissão executiva da S. D. N. o problema das minorias e outros pontos importantes para o Desarmamento e cuja partida foi suscitada pela queda do governo



Caricatura de Sir Stanley Baldwin, chefe conservador inglês, presidente do governo inglês e que, depois da sua derrota eleitoral estrondosa depois o seu mandato nas mãos de Jorge V que lhe concedeu a demissão



O triunfo dos trabalhistas ingleses atribui-se ao voto das mulheres. Três berços esperam, à porta duma assembleia eleitoral, sob as vistas dum policoman, que as mães votem



Por outro lado, um candidato trabalhista faz propaganda eleitoral ante os berços e os miúdos, captando as boas graças das eleitoras-mães



A questão Asuero não diminui de interesse a pesar do tempo que passa. De tóla a parte chovem opiniões qual delas a mais apaixonada. Há médicos que atacam ferozmente o médico donostiarra como que apavorados pela perspectiva de acabarem as doenças... Por outro lado, alguns adeptos fervorosos queimam, altitudinamente, a torto e a direito, as narinas da humanidade e outros... estudam em segredo... o segredo. Entretanto, Asuero cula-se. Asuero entretanto vai pondo em prática os seus conhecimentos científicos ou empíricos, não sabemos, mas vai aliciando muitas almas, indiferente ao ruído que vai em redor do seu método. Reproduzimos uma foto em que se vê Asuero (x) com sua esposa (x), filho (x), este ao colo do grande escritor Grandmontagne, e pessoas de amizade e no oval a esposa e filho do célebre médico entre flores oferecidas pelos doentes a quem ele deu alívio



ACTUALIDADES



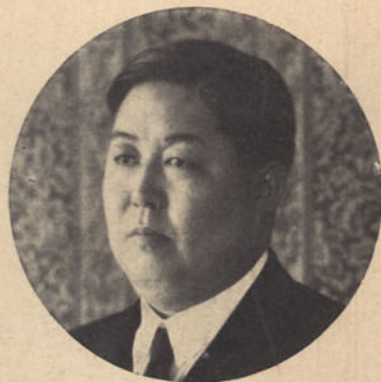
O avião «Junkers-Lisboa» recentemente adquirido pelos Serviços Aéreos Portugueses e que é o primeiro avião comercial de matrícula portuguesa



NO MEDALHÃO: O sr. Vito Catastini, director da Secção dos Mandatos da Sociedade das Nações, funcionário superior do Ministério das Colónias de Itália, membro da delegação italiana à Conferência da Paz, um dos colegas de «Sir» Eric Drummond na sua missão, a Lisboa



A DIREITA: O dr. Narciso Freire de Andrade, membro internacional da Secção dos Mandatos da Sociedade das Nações, funcionário do Ministério dos Negócios Estrangeiros, antigo secretário da Conferência Internacional das Quedas do Douro, da Comissão de Estudos Luso-Hispano-Americanos e da Comissão Nacional de Cooperação Intelectual, que fez parte da mesma missão



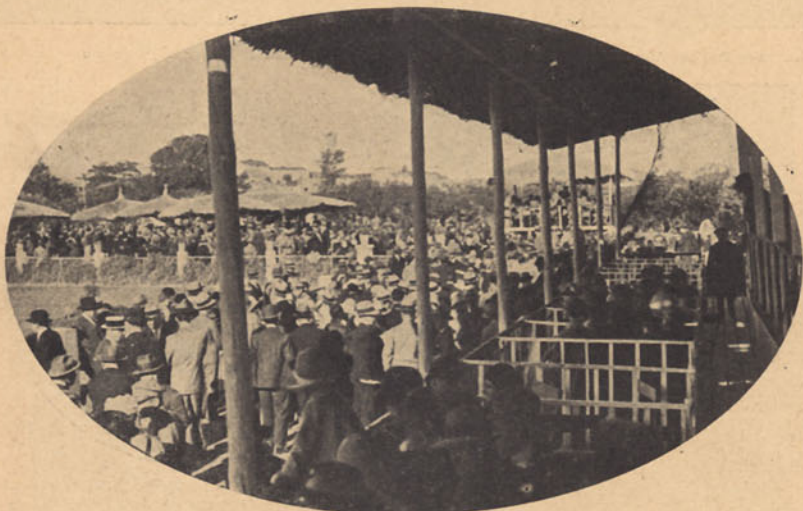
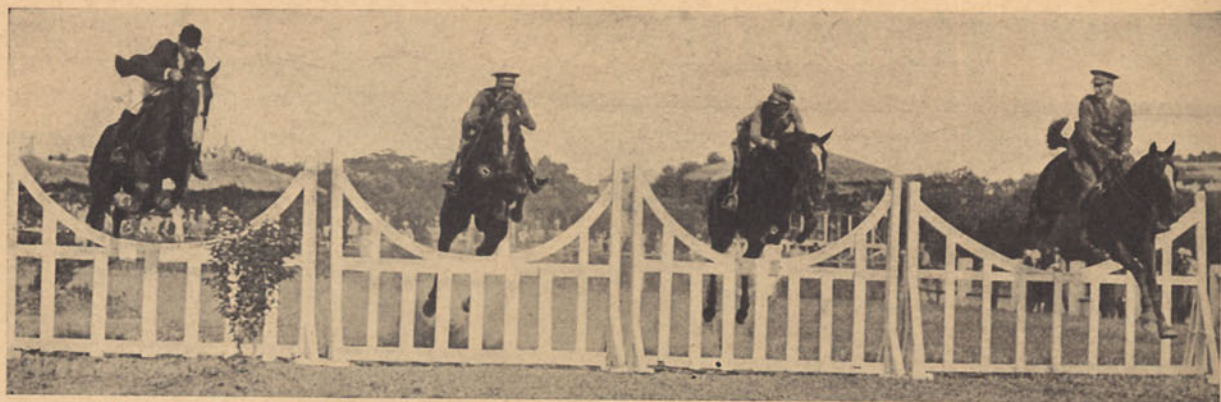
NO MEDALHÃO: O sr. Yotaro Sugimura, subsecretário geral da Sociedade das Nações, Secção Política, antigo secretário da Legação do Japão em Paris e em Pequim, Ministro Plenipotenciário, chefe do «bureau» do Japão junto da Sociedade das Nações, delegado suplente do Japão à 7.ª Assembleia da Sociedade das Nações, que também visitou Lisboa

NO OVAL: A inauguração da Universidade de Estudos Hispânicos em Paris, pelo Presidente da República Francesa acompanhado do embaixador espanhol Quiñones de León. — (Foto H. Manuel)



Honorable Sir Eric Drummond, secretário geral da Sociedade das Nações e chefe da Missão da Sociedade das Nações que visitou Lisboa para avaliar o grande esforço de ressurreição a que o país está entregue devotadamente.





AO ALTO: No último Concurso Hípico Internacional — Os saltos por 4, pela primeira vez levados a efeito entre nós. A equipe vencedora saltando as cancelas curvas

NO OVAL: O Campo de Pólvora onde se realizou o Concurso Hípico Internacional

NO MEDALHÃO DE CIMA: O vencedor do Grande Prêmio do Concurso Hípico, Frois de Almeida, no «Gallard»

NO MEDALHÃO DE BAIXO: O insigne romancista francês Claude Farrère, que realizou em Lisboa uma sensacional conferência sobre Pierre Loti, à chegada à estação do Rossio

A equipe de esgrima representativa da Inglaterra e que disputou o I Portugal-Grã Bretanha no Estoril, sendo batida pelos portugueses

A DIREITA: Aspecto do grande banquete oferecido ao ilustre médico pediatra dr. Leonardo de Castro Freire, em que as mais representativas figuras da medicina portuguesa prestaram justiça plena aos grandes méritos do homenageado, desagravando-o assim dum manifesta injustiça de que foi vítima recentemente e afirmando bem eloquentemente o respeito e a estima das mais altas figuras do nosso meio pelo médico insigne e pelo homem digno e de coração

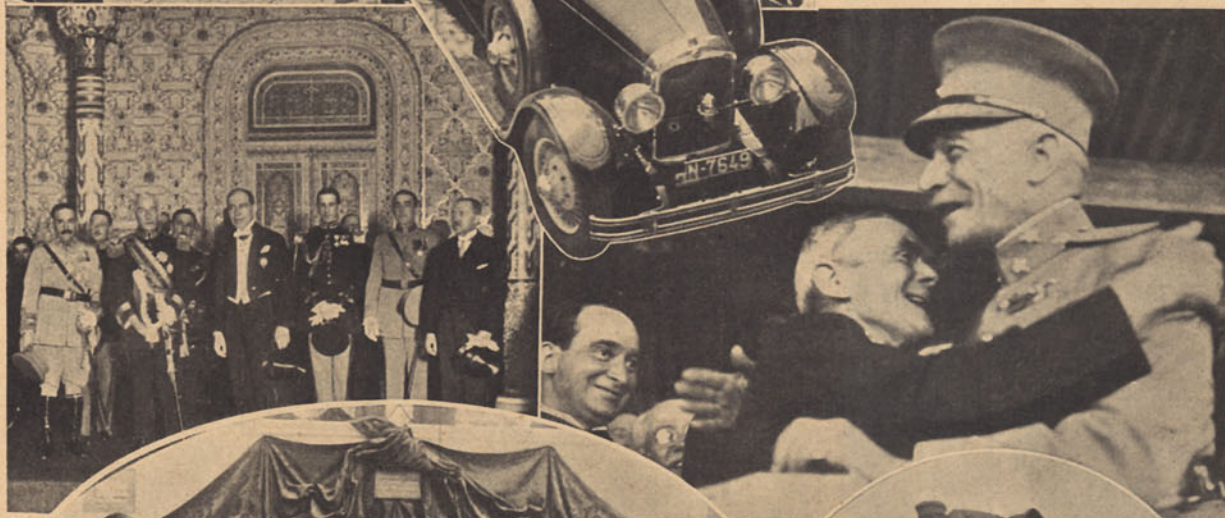
(Fotos Salazar Denis).



NO PORTO



Da esquerda para a direita e de cima para baixo:—
 Recepção ao sr. Presidente da República na sua recente visita ao Porto.— O sr. general Carmona, no automóvel que o conduziu aos Paços do Concelho, saudando o povo portuense.— A recepção solene do sr. Presidente da República no Salão Arabe do Palácio da Bolsa do Porto.— Um momento curioso. Sua Ex.^a o sr. Presidente da República, depois de condecorar um humilde operário, na Festa do Trabalho, no Porto, abraça-o entusiasmado.— Inauguração do dispensário infantil anexo ao Hospício da Junta Geral do Distrito do Porto, com a presença do sr. general Carmona. O director daquele estabelecimento de caridade pronunciando um discurso de saudação.— No Concurso Hípico do Bessa: o capitão Moissinho, no famoso «Helbrico», dando um lindo salto.— O alferes Beltrão, na «Basquise» o cavalo-revelação deste ano, transpondo maravilhosamente um obstáculo.— O tenente Ivens Ferraz saltando em belo estilo a triple vara, no seu belo cavalo «Marco Visconti».— Um grupo de senhoras da sociedade elegante nortenha, assistindo ao Concurso Hípico no Campo do Bessa



(FOTOS
 A. MARTINS
 EXCLUSIVAS
 DE
 «ILUSTRAÇÃO»)

FIGURAS DO MOMENTO



NOVAIS TEIXEIRA

Nosso querido companheiro que representou os autores dramáticos portugueses no Congresso de Madrid, em companhia do dr. Feliciano Santos e Mário Duarte.

(Caricatura de Sancha)



O «BOXEUR» ROUTIS

O pugilista francês, campeão do mundo dos pesos-pena que acaba de defender com êxito o seu título contra Buster Brown.

(Foto H. Manuel)



D. ADELAIDE DE LIMA CRUZ

Consagrada artista e professora de canto que recentemente levou a efeito um brilhantíssimo recital em que, com a cooperação dum grupo coral de senhoras da nossa sociedade deu a conhecer uma obra prima de Debussy, «Damoiselle Elève».



DR. ELMANO VIEIRA

Ilustre advogado e brilhante jornalista do Funchal que ali realizou, recentemente, uma notabilíssima conferência, «O marechal Foch, sua vida e sua acção na Guerra e no Paz», no Salão de Honra do «Ateneu Commercial», obtendo um merecidíssimo êxito.



MADAME A. BEAUVALET

Uma das mais distintas discípulas de Madame Carolina Palhares que muito se evidenciou no seu último concerto pela sua voz de soprano lírico de timbre puríssimo, notável extensão e grande agilidade, obtendo um sucesso invulgar.



O PRÍNCIPE KNUD DA DINAMARCA

Filho segundo de SS. MM. os reis da Dinamarca, esteve há pouco entre nós, na sua qualidade de tenente da armada dinamarquesa, a bordo do «Nils Juha», sendo, em sua honra, realizadas muitas festas de grande relevo com carácter oficial.

(Foto cedida pelo sr. dr. Ferreira de Alameda que foi ministro de Portugal na Dinamarca)



SIR COLVILLE BARCLAY

Embaixador de Inglaterra em Lisboa, há dias falecido, e cuja morte foi muito sentida.



PROFESSOR PAULO LENOIR

Eminente médico francês que acaba de ser eleito membro da Academia de Medicina de Paris.

(Foto H. Manuel)

MUSEO
PRADO
MADRID



FRANCISCO DE GOYA Y LUCIENTES
As Floristas



ALEXANDRE HERCULANO

ALGUMAS PALAVRAS SOBRE A ROMAGEM A AZOIA E VALE DE LOBOS

Desdourada e mesquinha teria sido a romagem a Vale de Lobos, à casa onde viveu Alexandre Herculano, se a ela não se associasse o enternecedor sentimento humilde do povo simples daqueles sítios.

Supunha-se que Santarém em péso, que muitas dessas pessoas ilustres por seus méritos e talentos comparecessem no florido Vale de Lobos a prestar homenagem ao que foi o maior dos historiadores portugueses. Não apareceram essas pessoas, revelando assim a sua ingratidão bem justificável nesta época de egoísmos e de louvores múltiplos.

Se o homenageado da quinta solitária fôsse vivo e condescendesse em acamaradar com alguns desses vagos escritores que não podem dispensar o leuvar público e o elogio, todas aquelas pessoas de méritos e talentos teriam ido à quinta de Vale de Lobos delirar em eloqüentes tiradas louvaminheiras. Mas Herculano já não vive. Não poderiam pois, se lá tivessem ido, esperar dum morto um elogio, um favor, uma esmola de condescendência que minorasse um pouco aquela pobreza de méritos que o público lhes descobriu.

Por isso a romagem a Vale de Lobos não teve grandeza. Pode mesmo afirmar-se que foi a romagem da ingratidão. Da ingratidão por parte daqueles que, embora muito inferiormente a Herculano, se ocupam das letras e mantêm o abalado prestígio da literatura portuguesa.

São para êsses as nossas censuras que a autoridade do nosso nome quasi desconhecido não pode sancionar, mas que a triste evidência incontestável dos factos reforça severamente.

Des poucos que lá foram, a Vale de Lobos e a Azóia, cumprir conscientemente uma missão e um dever — dever de português e de homem culto — destacou-se José Relvas. Foi êle quem, perante a expectativa do povo daquelles sítios salvaguardou o respeito e a memória periclitante de Herculano. Porque a romagem, infima de significado e de grandeza devida, ia pondo em perigo, aos olhos do povo ineulto, a figura do historiador que esse povo admira através já das encantadoras urdiduras da lenda que poetisa de magnificência e aureóla de esplendor tudo que é

grande, tudo que sobrevive ao pó da finalidade humana.

José Relvas disse com inteligência quem era Herculano. Sem exotismos de linguagem, antes com uma simplicidade elegante, acessível ao povo, êle analisou e comentou a obra do historiador, do romancista e do poeta. Fê-lo sem facciosismos antipáticos e inoportunos, traçando aos olhos do povo o perfil intelectual do autor do «Bobo».

A romagem à quinta de seculares arvores frondosas era a última parte da homenagem ao historiador. Não se pode dizer que êsse preito de gratidão fechasse com chave de ouro. Nas paredes da casa onde viveu e se finou Herculano, naquele recanto fresco e poetico que o historiador enternecia, ficou estampada, em belos azulejos, uma das maiores ofensas à grandeza e ao valor de Herculano.

Para que fique arquivado o conteúdo da lápide, pois é natural, é mesmo uma reparação necessária à memória do historiador, que ela seja emendada ou substituída, aqui o transcrevemos:

1810-1877

ALEXANDRE HERCULANO

Nesta casa viveu, desde 1807, este illustre historiador portuguez, onde jalleceu a 13 de Setembro de 1877

Já não nos queremos referir à infeliz redacção indigna de comemorar um dos poucos

que soube escrever com mestria o português; também a ortografia, desatualizada, o que é para condenar, não nos prenderá muito. O que nos detem, num sobresalto de indignação e num justo protesto, é aquelle «ilustre» — aquelle «ilustre» mesquinho, banal, depreciativo...

Parece que quem redigiu o conteúdo da lápide vive nalgum ponto obscuro de Portugal onde o valor das palavras não é achincalhado. Só assim se explica que tivesse distinguido Herculano com o mesmo adjectivo com que hoje se eleva a pacata dignidade do regedor da paróquia ou a insipidês letrada de algum escritor mediocre.

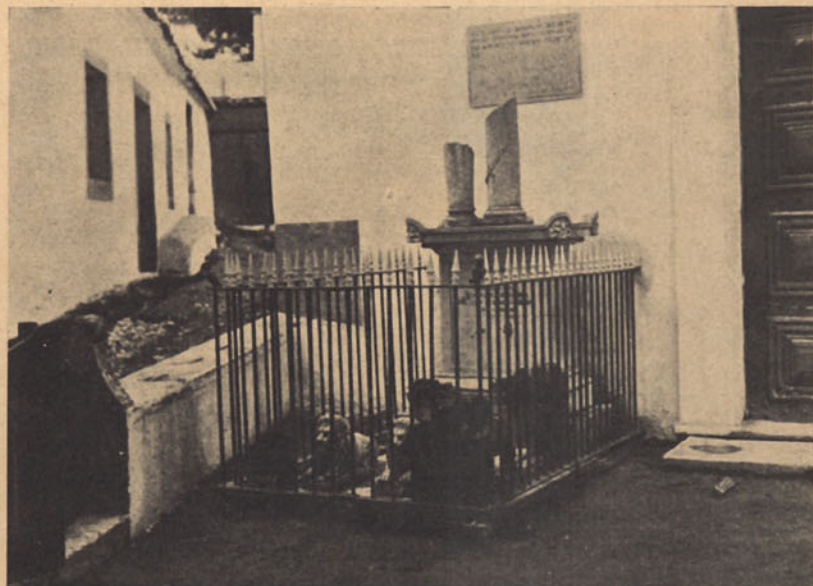
Herculano não precisa de adjectivos para ser exaltado. A sua obra é suficientemente prodigiosa para elevar o seu autor, para o impor à nossa admiração, sem que para atingir o cume da sua grandeza sejam precisos os desgastados degraus de uns adjectivos banais.

Chamar a Herculano illustre é chamar ladrão a um homem honrado!

Deixem-se os adjectivos para quem deles precisa — e são tantos os que os mendigam! — e respeite-se com a singeleza eloqüente a memória dos que foram grandes.

Por isso a romagem a Vale de Lobos foi quasi uma romagem de ingratidão que terminou com uma ofensa que pode e deve ainda ser reparada.

JOSÉ BARÃO.



Túmulo do brigadeiro Gorjão, em Azóia de cima, onde estiveram depositados, durante alguns anos, os restos mortais de Alexandre Herculano



Sala da Publicidade do Patronato Nacional de Turismo (Foto Carmoza.)

O Pavilhão do Brasil, admiravelmente situado no belo quadro do parque de Maria Luísa, é essencialmente comercial. De arquitectura simples, de belas linhas, atrai a atenção do visitante que não espera ver lá dentro a imensa riqueza que dos seus produtos expõem os brasileiros no seu Pavilhão.

Visitei o Pavilhão brasileiro dias antes da inauguração na companhia do ilustre comissário do governo brasileiro sr. José Vergueiro Steidel que teve esta deferência para conosco. Visitei-o outras vezes ouvindo outros comissionados brasileiros e sempre tive a alegria de ouvir frases de amor para o nosso país, que, sem dúvida, construiu os alicerces materiais e morais d'este grande país de hoje



No Pavilhão do Brasil. — A sala das madeiras preciosas (Foto Flores.)

e de futuro surpreendente pela sua riqueza e pelo entusiasmo dos seus naturais.

A riqueza das suas madeiras únicas no mundo, de que fazem uma esplêndida demonstração em diversas salas e no grande mapa de Espanha, presente do Brasil ao Rei, mapa construído em 48 ou 49 madeiras preciosas diferentes, as peles dos seus animais exóticos, os tabacos variados, os seus produtos, todos estão expostos em magníficos estands.

O café tem uma sala especial. Mapas demonstram que a produção do Brasil alcança 76 por cento da produção mundial de café, e o que é mais curioso é que esta planta não é originária daquele país, mas foi importada da África. A produção do cacau também é importantíssima como a da borracha, que se apresenta em grandes blocos numa sala destinada a este fim, com um quadro scenográfico que reproduzimos dando ideia do que é a defumação da borracha.

As diversas amostras de café e cacau ocupam um grande espaço e nas paredes há

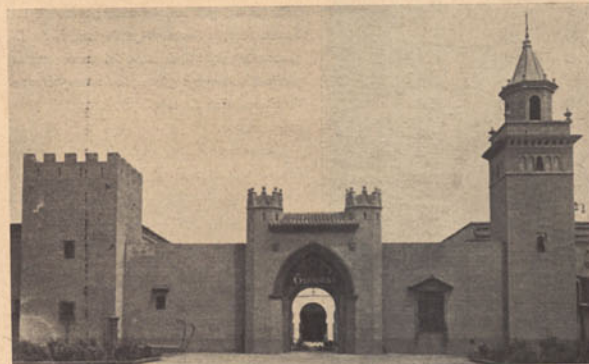


O stand da antiquíssima Fábrica de Loica de Sacavem no Pavilhão de Portugal, onde se expõem primores em azulejo, faiança artística, serviços domésticos, etc.

A EXPOSIÇÃO IBERO-AMERICANA

O PAVILHÃO DO BRASIL — O TURISMO DE ESPANHIA — TRE ARQUITECTO D. ANI DOS PRINCIPAIS PALA MAGNIFICO CERTAME

PATRONATO NACIONAL DE FALECIMENTO DO ILUSTRAL GONZALEZ, AUTORES ESPANHOIS DO IBERO-AMERICANO



O pavilhão do Patronato Nacional de Turismo de Tojalba (Foto Carmoza.)



Pátio central do Patronato Nacional de Turismo (Foto Carmoza.)

coisas interessantes que há neste Pavilhão e que é uma esplêndida demonstração do que o Brasil é e será. Esta demonstração é tanto mais interessante quanto é certo que na Europa, tirando o nosso país, se desconhece quasi por completo o maravilhoso país irmão.

O Patronato Nacional de Turismo de Espanha, que tem de vida oficial pouco mais de um ano, tem desenvolvido neste tempo um trabalho formidável. Criou delegações em quasi todo o mundo; todas as regiões de Espanha tem sub-delegações; construiu hotéis magníficos especialmente para os turistas que trata de trazer a Espanha; um deles,

algumas pinturas com fazendas brasileiras em que se vê a maneira como se cultiva e se trata até o momento de exportar este rico produto.

Pode-se ver o tratamento que se dá ao emigrante no colono e que, longe do que se tem escrito sobre este assunto, tem uma lei protectora estando o seu trabalho bem remunerado. Na cave do edificio existe um bar onde se oferece gratuitamente café e numa das salas, como nota curiosa, oferece-se à vista do público um automóvel-camião da primeira marca brasileira, construído no Brasil e com material todo elle nacional. Nesta mesma sala ao fundo há um óptimo diorama da cidade de Rio de Janeiro com a sua formosa baía. O espaço não nos permite detalhar as muitas



A linda exposição da Fábrica de Porcelana da Vista Alegre, no Pavilhão Português, um dos mostruários que tem alcançado mais ruidoso e justo successo.



No Pavilhão do Brasil. Reconstituição scenográfica da defumação da borracha
(Foto Florez.)

o de Cadiz, já está completamente pronto; outro, o de Tetuan, que é maravilhoso, vai muito adiantado. Tem iniciativas interessantíssimas que porá brevemente em prática e das quais nos ocuparemos porque podem servir de aliciente para o nosso país que tão belas regiões de turismo possui.

Este Patronato Nacional de Turismo construiu em Sevilha um pavilhão no sector sul da Exposição. Belo pavilhão, amuralhado, com um pátio central, com bellissimo jardim e em volta da galeria magnificas salas, algumas decoradas com scenas da História de Espanha.

Em rápida visita daremos uma ideia do que são estas instalações, feitas por artistas de valor e dirigidas pelo illustre membro do Patronato sr. Cavestany. Também concorreram com as suas iniciativas para a realização d'êste magnífico pavilhão o secretário geral do Patronato, o illustre escritor sr. Sangroniz e o sub-delegado em Andaluzia sr. Bolin, também escritor brilhante.

Uma das salas mais interessantes é a dos cartazes premiados pelo Patronato. Os melhores artistas de Espanha têm acudido aos concursos organizados pelo Patronato Nacional de Turismo, e nesta sala há uma bela demonstração d'êste ramo da pintura. Nesta mesma sala há «maquettes» de jogos, de «stadiums» e uma outra interessantíssima da velha Praça de Touros de Madrid, com todos

es detalhes, público, toureiros, touros e todos os serviços duma praça de touros. As figuras são pequenissimas, e foi preciso muita paciência, tempo e gosto para conseguir realisar esta obra de arte, que, como tal, pode considerar-se.

Uma outra sala está dedicada aos dioramas das diferentes regiões de Espanha, com o mais característico de cada região; são pequenos scenários realizados pelo scenógrafo Mignoni.

A sala de fotografias é interessante, como esplêndida é a de «maquettes» e vistas de hotéis e de meios de comunicação e transporte.

Actualmente há uma sala decorada por Vazquez Diaz e Almada Negreiros, com a «Ruta do Cid» e «Ruta de São Tiago», os «Castelos Espanhois», os «Jardins de Espanha», a «Ruta do Quixote» e a do «Diablo Cojuelo», de Cervantes. Nesta mesma sala há alguns livros «exemplares únicos» e objectos de grande valor histórico e artístico.

*
* *

Finalmente queriamos dedicar algumas palavras de homenagem ao illustre architecto D. Anibal Gonzalez, recentemente falecido, e que foi o autor do maravilhoso e único Palácio da Praça de Espanha, dos Palácios-Mu-

seus de Arte Antiga e Arte Contemporânea e Pavilhão Real. Estes são os três edificios que rodeiam a linda Praça da América.

O luto em Sevilha foi geral e sincero.

Homem modesto, D. Anibal não quis accitar em vida a homenagem que os seus patrios lhe quizeram render, mas no dia do entêrro toda a gente o acompanhou até à última morada, e foi bem patente a demonstração de respeito e admiração do povo sevilhano pelo artista genial, criador da beleza e amante da sua terra.

E triste coisa: quando a Exposição é uma realidade, três homens, três sevilhanos illustres, que puzeram todos os seus entusiasmos na realização d'êste fim, caíram para sempre.

O director do A. B. C., Marqués de Luca de Tena, o Conde de Colombi e D. Anibal Gonzalez, que tanto trabalharam para que se realizasse a Exposição, que a ela ofereceram o seu entusiasmo e os grandes meios que possuíam, não puderam — como muito bem dizia o A. B. C., referindo-se ao falecimento d'estes três homens illustres — gozar da inefável satisfação de ver traçadas na indiscutível realidade, as suas patrióticas, nobres e altas ambições.

Sevilha, Junho de 1929.

LUÍS DIAS AMADO HERRERO.



Vista exterior do Pavilhão dos Estados Unidos do Brasil

(Foto Florez.)

RELIQUIAS E RELICARIOS PORTUGUESES

A MÃO DE SANTA TEREZA DE JESUS

Interessante seria o estudo das reliquias e relicários de Portugal.

Quem fôra erudito e tivesse na vida o sossego que tais investigações requerem, poderia tentar o cometimento.

Não lhe faltariam, de-certo, leitores e matéria avonde para relatos pitorescos.

Desde as páginas brilhantes que a um estilista daria o relato da chegada a Lisboa do mártir S. Vicente, até à revolta gaiata das freiras de Odivelas, rompendo a clausura canónica e saindo processionalmente com o Santo Lenho à frente nas mãos da Abadessa, ou ainda até à *blague* do Homem das Botas de Cortiça, protegendo com uma santa intrufice a volta para Santarém, da Custódia contendo as Espécies do Santo Milagre, muito haveria para dizer, que seria digno de contar-se.

A outros, porém, a glória de levarem a cabo tão interessante estudo. Faltam-me tempo e sciência, comquanto me sobeje vontade.

Tempos houve em que o património de reliquias era parte integrante e sinal da riqueza dos povos. Relíquias houve que serviram de caução a empréstimos, de penhor de tratados ou ainda de argumentos incontestáveis para a obtenção de privilégios.

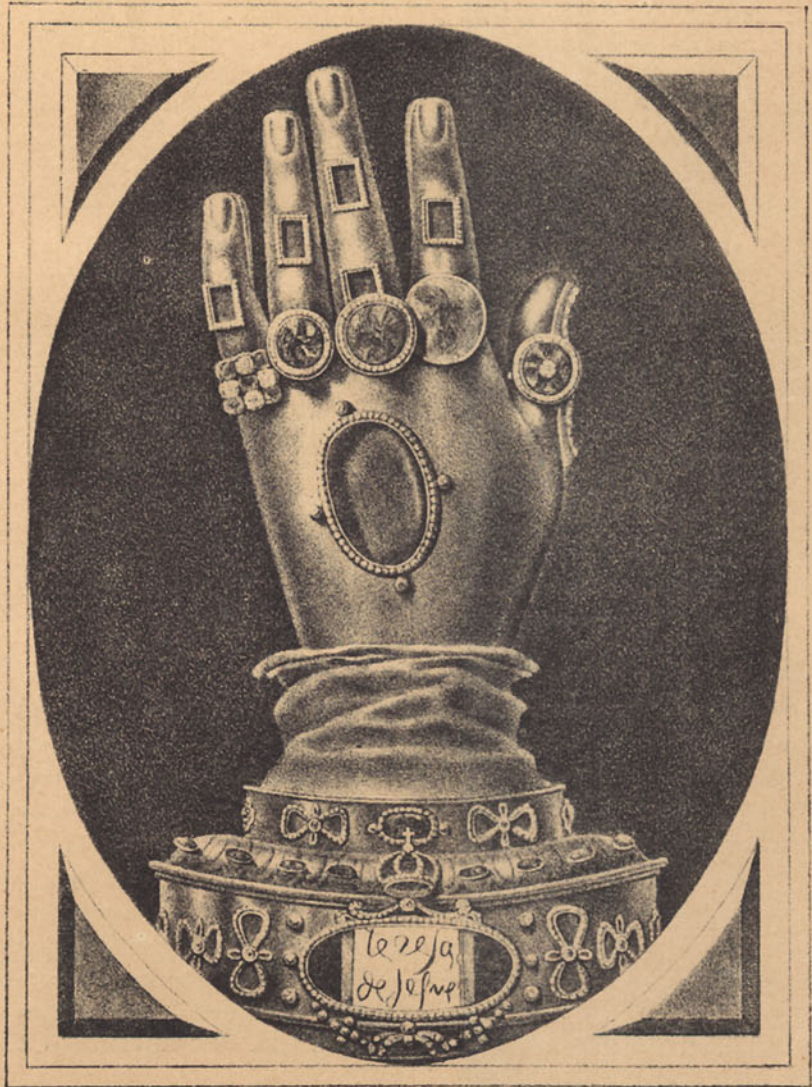
A presença do despójo mortal do Apóstolo Santiago deve a Galiza a sua notória prosperidade nos séculos transactos.

A língua de Santo António de Lisboa tem levado a Pádua milhares de visitantes e a posse do Lenho da Vera Cruz e da escada do Pretório tem sido para a cidade dos Pontífices fonte e causa de contínuas peregrinações.

A veneração das reliquias deve o turismo o seu início. Quando nos séculos primeiros viajar era tormento tão duradouro e risco tão

grave que só o descargo duma promessa peregri- no a obtenção dum grande favor celeste dava coragem para tal, era sempre em busca das virtudes miraculosas duma reliquia que o peregrino deixava o lar e se aventurava a correr mundo.

Por isso, Ordens e Catedrais, paços e capelas disputavam entre si os restos preciosos dos elcitos.



Des de Coimbra

Lith. de A. L. Castro, R. do Carmo, n.º 12, L.ª

MÃO DA NOSSA MADRE S^{TA} THERESA DE JESUS,
*Que se venera dentro do convento das Religiosas Carmelitas
Descalças de S.^{to} Alberto de Lisboa.*

(Reprodução duma velha litografia)



(Reprodução de uma gravura em cobre)

Entre as nações privilegiadas pelos favores dos Pontífices, Portugal ocupou, a-pesar de, sob esse aspecto, ser uma nação relativamente jovem, um lugar de destaque.

Os relicários dos nossos mosteiros e os tesouros das Catedrais guardaram preciosidades que na pia crença do nosso povo eram, só por elas, de molde a garantir à Terra Lusitana, duma forma singular, a Protecção Divina, por via e mercê de poderosos advogados.

Falando, porém, de relíquias, a uma só me quero referir na exiguidade destas páginas: à mão de Santa Teresa de Jesus, que se venerava no antigo Convento das Albertas, às Janelas Verdes.

Falando dessa relíquia, deixarei a parte histórica, por demais conhecida, para só fri-

sar ao leitor, e transmitir-lhe se puder, as impressões recebidas pelo meu espírito, à vista do relicário desgracioso e pesado que encerra os ossos da mão da Doutora de Avila, a erudita escritora de *Las Moradas*, a mimosa e arrebatadora poetisa que «morria por não morrer», com saudades do céu, cheia de pressa, inquieta por não despir para sempre o invólucro da miséria e poder voar livremente aos braços místicos do Esposo, daquele Esposo que num arroubo lhe dissera ser o *Jesus de Teresa*, assim como ela era *Teresa de Jesus*.

Aqueles ossos que eu entrevi, pelas aberturas da luva de prata, na meia luz da capela onde os guardavam, comoveram-me na imobilidade metálica e fria do relicário. O meu espírito vestiu de carnes aquelas falanges ne-

gras, transportou para dedos ágeis de mulher aqueles anéis que vestem os fusos de prata e, sem querer, a mão de Teresa de Avila animou-se, ressuscitou, mas eu percebi-lhe o gesto desalentado dos que pedem e não recebem, dos que tentam prender e nada seguram. Então pensei desoladamente quantas vezes aqueles pobres ossos, depois de terem escrito maravilhas, se teriam enclavinhado numa prece inútil, erguidos para o alto, evocando a Morte, chamando-a como Fim do Tormento e invectivando-a de Preguiçosa rebelde!

Aquele triste despojo cinzento, enclausurado no engaste precioso e feio, avisava-me bem, melhor do que tôdas as páginas dos filósofos, do nada de tudo isto. O que era do mundo ali estava encerrado na obra dos homens.

Se a mão de Teresa pudesse libertar-se da célula preciosa e retomar a vida para tornar a escrever, não era de-certo um vilanete que ela escreveria. Não. O *Vanitas vanitatem* do Rei Sapiante saíria dos bicos da sua pena, e o primeiro cuidado daqueles dedos redivivos seria o de quebrar anéis e lançar fora o relicário de prego. Aqueles dedos que sonharam tantas vezes cuidar as chagas de Jesus, não podiam vestir de boamente as galas do mundo.

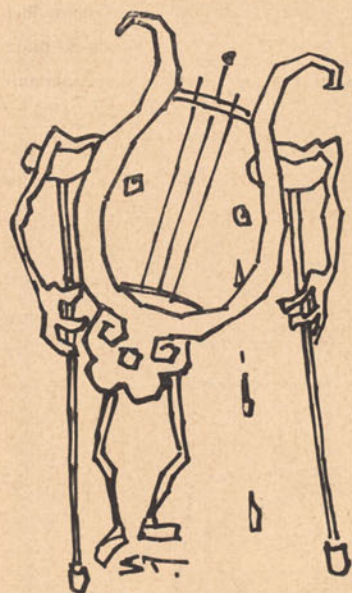
Eu tive pena, uma grande pena, de ver ali os ossos de Santa Teresa de Jesus.

Vê-los, lêz-me a mesma impressão desagradável que me faria saber truncados os seus poemas ou publicada em parcelas, sem nexo, a Regra das Carmelitas Descalças.

Senti uma grande piedade por aquela mão decepada, trazida para longe do braço que a susteve.

Assim, Teresa era mais do mundo e menos de Jesus, porque ninguém lendo a sua obra se poderá lembrar uma só vez de que a Doutora de Avila tivesse um esqueleto miserável como qualquer escriba de crónicas.

A que morria por não morrer, devia assistir o direito de esconder os seus ossos todos para que nós pudéssemos acreditar que tinha subido ao Céu pela virtude do Esposo e por amor da Morte.



Meu caro Sousa Fonseca:

Embora digam o contrário, a época vai profícua à literatura. Escrevem-se livros de todos os tamanhos e feitios, em verso, em prosa e até numa linguagem híbrida, nem verso nem prosa, que nem por isso deixa de ter o seu encanto. Meus lazeres empregam-se todos, e bem empregados, no prazer da leitura. Leio tudo quanto me vem parar à mão, e até o *Borda de Agua* deste atto que vai decorrendo, até esse, meu caro Sousa Fonseca, me não escapou.

Não há na citação do *Borda de Agua* o menor intento de melindre para com as pessoas dantas que escrevem obras reclamadas nas primeiras páginas dos jornais ou deixam cair — deda na frente, olhar alucinado — sapientíssimas dontrinas em famosos inquéritos literários. Eu tenho por essas competências a mais viva e profunda adoração. E muitas vezes, erguendo à alta Providência um olhar reconhecido, penso que a arte de escrever seria coisa insípida e sem interesse se não houvesse esses orientadores de pulso que apontam, com mão firme, à mocidade promotora o verdadeiro caminho da Beleza.

Digo-lhe mais, prezado amigo, digo-lhe e repito-lhe se preciso fôr, que sem a preciosa orientação filosófica e literária que nesses inquéritos bebi sóregamente, jamais atingiria o alto nível mental, essa espécie de divina graça, que me levou à compreensão clara, nítida, de três livros, três maravilhas, que trago agora delicado entre mãos: *Prejúdios de Nervose*, de Silva Carvalho; *A filha quer e a mãe consente, mas o pai arrganha o dente*, de autor desconhecido; e *Os martírios de uma mãe*, de Jorge Lourenço.

Mas é deste último, principalmente, que deojo falar-lhe com mais interesse. Você conhece o autor — Jorge Lourenço? Não conhece? Que importa! Mais uma razão para descermos no fundo da obscura modestia em que se oculta e trazê-lo para a luz da celebridade. Octávio Mirbeau, com um artigo, trouxe da treva do desco-

Uma espantosa Revelação literaria

UMA NOVELA SENTIMENTAL E FANTÁSTICA SOBRE A EMIGRAÇÃO E OS DESASTRES DE AUTOMÓVEL, QUE LANÇA NÍTIDA E DEFINITIVA LUZ SOBRE A VERDADEIRA DIRECTRIZ DA LITERATURA PORTUGUESA

nhecido para a claridade fulva da publicidade um escritor admirável — Maeterlink. Se eu tivesse a pena vigorosa e eloquente do grande polemista francês, creia meu amigo, este Jorge Lourenço seria o meu Maeterlink.

Você não leu os *Martírios de uma mãe*? Não sabe quanto perdeu — quanto perdeu de ganhar... porque muito se ganha em ensinamentos filosóficos, literários e morais com a leitura de obra tão preciosa.

Jorge Lourenço é uma daquelas cabeças grandes, enormes, desconformes (em sentido figurado), que só aparecem de século em século para iluminar e esclarecer o espírito humano, como de cem em cem metros, grandes lampeões avantajados para alumiar frouxamente algumas artérias lisboetas. Jorge Lourenço é um génio.

O seu livro admirável, primorosamente editado pela Sociedade Nacional de Tipografia («O Século»), consta apenas de desasseis páginas; de mais espaço José Lourenço não careceu para afirmar quanto vale e quanto pesa. Pois nesses desasseis páginas você encontrará de tudo: doce bucolismo, realismo forte, vibrante romantismo, misticismo profundo. A ferir a nota moderna, bem da nossa época de velocidades fantásticas através dos continentes, época em que se adormece na Alemanha entre névoas e se acorda no Sahara entre brazas, *Os martírios de uma mãe* é rasgadamente cosmopolita e, por muito que o facto pese ao nosso comum amigo Ferreira de Castro, aborda o magno problema da emigração para o Brasil.

Você está seguindo de olho, senão alarmado, desconfiado, pelo menos, este rosário de considerações e pensa que eu me ergui hoje mais cedo do morno leito e me sentei à secretária para lhe pregar uma série infinita de mentiras. Não, meu amigo, não estou mentindo. Escrevo a verdade — e bem haja tão consoladora verdade! O livro existe e o sr. Jorge Lourenço, seu illustre autor, também me consta que vive, palpita, vibra perante os grandes problemas da existência humana. De resto apresento provas, como vai ver.

Compõe-se a novela sentimental, como o autor a classifica, de dezoito capítulos curtos, rápidos, fulminantes, fora o prólogo e o epílogo, que é em verso. Esses capítulos dão pelos seguintes chamadouras sugestivos: *A viagem de sua terra à capital, A chegada à capital, A caminho do embarque, O embarque, A chegada de um comboio, A chegada ao Brasil, O emprêgo, O desespero da aflição, O regresso a Portugal, Em Lagoosa — Beira Baixa, As mães não adivinham boas coisas, O encontro dum automóvel, A notícia na capital, A tristeza na província da Beira Baixa, Um telegrama, A chegada da família à capital, Um funeral a caminho da estação do Rossio, No cemitério*. Termina onde deve acabar: no cemitério. Mas para além do cemitério, como para além da morte, segundo afirmam os espirítas, há mais alguma coisa. Esse alguma coisa no livro de Jorge Lourenço é o tal epílogo em verso que tem esta nota elucidativa a precedê-lo entre parentesis:

Os rapazes da Lagoosa cantavam às vezes os seguintes versos, em tom de saudade, dedicados a este drama.

Leia agora, meu amigo, alguns versos lapida-

res deste famoso epílogo, que vai ficar na História da Literatura Portuguesa:

Já lá está, já lá jaz
Na humilde sepultura
O pobre Manuel, bom rapaz
Que nos causa muita ternura

Hein?! Que métrica, que ritmo, que musicalidade, que estilo!

Mas a segunda quadra é melhor. Ei-la:

Morre pai e filho, coltados
Que nos mete muita paixão,
Dos mesmos desastres causados,
Por causa dos automóveis então

É uma tragédia automobilística, como se desprende através da originalíssima rima e da não menos original sintaxe.

Esperre um pouco, bom amigo, não se preci-



pite; já vamos ao resto. Primeiro tem que ler este remate final do livro que não resisto a transcrever sem lhe alterar uma sílaba. Leia, leia:

Com isto terminando
Pezindo a Deus então
Que olhe por eles no céu
Que nós em chegando os Ramos
Lhe rezaremos uma oração
A pedido de uma pessoa trazendo uma carta na
[mão
Que na nossa frente nos leu.

Admirável este misticismo religioso. E a graça daquele rítmico verso: a pedido de uma pessoa trazendo uma carta na mão! Faz-me lembrar estes outros versos de autor illustre, cujo nome não ocorre à minha fraca memória:

Eu disse ao meu pai que queria
Ser irmão da caridade
Mas c'á Lei da Separação
Al... Al... Al... Al...
O illustríssimo e excellentíssimo senhor doutor
[Afonso Costa não deixou satisfazer
[a minha vontade!

Serenidade! Compostura! Já começava a deixar-me arrastar pelo entusiasmo. Mas que quer você, Sousa Fonseca! Perante esta obra-



-prima não há crítico, por mais frio, que não aqueça.

Punhamos as ideias em ordem e apliquemos à crítica do livro os métodos científicos de Taine. Ora vejamos primeiramente, como diria este mestre ilustre, qual é o tema da novela. O tema é duplo, a saber: a emigração para o Brasil e a fatalidade dos meios de transporte.

Exemplifiquemos: no primeiro capítulo — *A viagem de sua terra à capital* — há um choque de combóios. Num deles vinham marido e mulher, Manuel dos Santos Andrade e Maria de Jesus Andrade, que iniciam a sua viagem da Beira-Baixa para o Brasil. O autor, que na dramatização dos acontecimentos funestros ultrapassa Dostoiévsky, descreve o desastre desta forma admirável:

«...uns, de cabeça aberta, outros com pernas paradas, conforcendo-se com horríveis dores; outros com leves ferimentos e ainda outros mortos; era um horror.

As nossas personagens, louvada a Divina Providência, nada sofreram; ficaram illesos. — Nada? Como quem diz!... Sofreram um grande susto que não era pago com dinheiro algum! Olha que espiga!

Não, meu amigo, Jorge Lourenço aqui não fez humorismo — fez descrição. Onde ele faz humorismo, e do melhor, apenas comparável ao de Fernandez Florez, é no terceiro capítulo — *A caminho do embarque* — em que descreve a maneira como um vigarista tenta roubar o ouro aos emigrantes, e no quarto — *O embarque* — em que entre marido e mulher se trava este diálogo originalíssimo:

— Olha lá! Oh! Manuel! O que é aquilo?
— Ora... o que há-de ser? Tu sempre tens coisas! Então não le tenho dito que o mar tem paqueiros, tem cascas de nozes e tem navios?
— Então o mar tem pão quente e nozes?

Mas deixemos, por momentos, os trechos de ironia e graça e sigamos o rastro trágico dos desastres.

No dia em que as personagens chegam ao Rio de Janeiro, dia 13, aziago, depois de admirar os «monumentos monumentais» o marido foi à cata de emprego. De regresso, como o caminho lóssse longo, Manuel meteu-se num «taxi». Maldita hora — deviam ser 13 horas — em que o homem se lembrou de semelhante meio de transporte. O automóvel foi chocar com outro. Morreu o «chauffeurs» e o «senhor Manuel dos Santos Andrades».

Repare agora na eloquência com que o ilustre escritor descreve a mágoa imensa da esposa estremosa ante o cadáver do marido:

Quando a pobre senhora recuperou os sentidos olhou e viu em que estado se encontrava o marido!... Não lhes digo nada, leitores!... Não havia ninguém que não chorasse devido aos lancinantes gritos da pobre senhora... — Jesus! Senhor! — exclamava ela louca de dor, — levai-me para junto de meu marido!... que fico na miséria!



«Ah! meu pobre marido, meu amor! — e banhando-o de lágrimas e cobrindo-o de beijos, desalava-se em allos gritos dolorosos.

No dia seguinte, depois do funeral, «levando uma bandeira da cor verde-rubro em cima do caixão; pelas cores mostra ser portuguesa», a colónia lusa, comovida ante a desgraça da viúva, pagou-lhe o regresso a Portugal.

Mas já olvidava um pormenor importantíssimo, meu caro amigo: à ida para o Brasil, Maria de Jesus teve a bordo uma robusta criança do sexo masculino que veio a chamar-se, como o pai, Manuel dos Santos Andrade. Não sei se está a perceber...

No capítulo décimo — *Em Lageosa — Beira Baixa* — a viúva entrega-se aos trabalhos da vindima, pretexto para o autor pintar em tintas garridas um maravilhoso quadro rural:

Estamos no mês de Setembro; tempo em que as uvas se vão chegando ao gume das facas ou canivetes; tempo de vindimas.

Enquanto as uvas, muito ladinas, se chegavam ao gume da faca de Maria de Jesus, uma rapariga passejava um menino nos braços, o Manuel dos Santos Andrade II.

Mas...

Três anos passados (repare-se na ternura deste trecho e na estupenda descrição do bebé), depois dos acontecimentos já o nosso personagem pequenino, tem 3 anos; já fala e já anda por seu pé; está uma linda criança, de cabelo louro (se não havia de ser louro!) e olhos castanhos (peita não serem azuis!), enfim uma criança desenxovalhada.

E em desenxovalhada prosa vai Jorge Lourenço descrevendo as evoluções da criança.

Aos sete anos já o nosso fôvem moço anda na escola do seu lugar.

Hábilmente o autor emprega fôvem moço para que o leitor não confunda com fôvem velho que é, como se sabe, uma inovação de Voronof.

A evolução do Manuel filho da viúva vai sendo marcada sucessivamente até que...

Aos vinte anos, já o nosso personagem é «chauffeurs», ganhando (como certas criadas que cozinham), o trivial para se manter a si e a sua mãe...

Ora, é nesta altura que — *As mães não addeínam boas coisas* (Capítulo XI). Nota-se que o autor sofre grande influência de Allain Kardek, o ocultista, porque afirma que Maria de Jesus pressentiu uma desgraça ao despedir-se do filho que vinha guiar «taxi» para a capital. É ocultismo puro, que mereceria a atenção de Madame Memphís.

Um dia o Manuel conduziu quatro pândegos a Sintra, onde jantaram lautamente. Manuel também comen e bebeu a sua «pinga» na alegre companhia e, iludida o escritor:

Não lhes digo nada, leitores! Estavam todos embriagados! «Chauffeurs» e passageiros.

O capítulo XIV — *A tristeza na provincia da Beira-Baixa* — que por ser curto e curioso, transcrevo quasi na íntegra, informa-o, melhor do que eu, do terceiro e último trágico aconteci-

mento desta fantasia, também assim a classifica o imaginoso escritor, de desaseis páginas.

Circulava pela aldeia uma tristíssima notícia. Contava-se o seguinte: Um automóvel, guiado por um «chauffeurs» chamado Manuel dos Santos Andrade, que seguia de Colares para Lisboa, na estrada de Sintra, levando quatro passageiros, fôra de encontro a uma árvore morrendo o «chauffeurs» e ficando os passageiros feridos...

A causa do desastre foi motivada por o «chauffeurs» vir em grande velocidade, devido aos céus do vinho, perdendo a direcção do volante e... catrapuz!... vai de encontro a uma árvore, causando então o lamentável desastre.

R—catrapuz!—acabou-se a história. Há ainda uns capítulos emocionantes: o funeral, a chegada

da família do morto a Lisboa, a generosidade do patrão do Manuel que paga à Maria de Jesus um mês de ordenado e o famoso epílogo em verso de que lhe dei notícia. Mas o que importava saber já lho disse.

Agora, meu caro Sousa Fonseca, dê-me licença que o grande amor que consagro às Letras do nosso país formule esta interrogação: Será possível que a crítica literária em Portugal não tivesse dado pela aparição deste escritor extraordinário?

Permita-me Você ainda outra pergunta: Haverá alguém, depois da leitura desta novela sentimental e fantástica, que tenha dúvidas sobre a directriz que a literatura portuguesa deve tomar?

Suponhamos, querido amigo, que a Jorge Lourenço se formulava a seguinte pergunta:

«Devem os nossos escritores, perante a civilização moderna, prender-se à simples observação das suas personagens bizarras, dos seus progressos mecânicos, da sua febre materialista — ou sondar para além desses prestígios scenográficos, o que há de eterno e de profundo na vida espiritual dos homens?»

Da obra do genial escritor e poeta, depreende-se esta resposta concreta:

«Deve-se sondar o que há de eterno e profundo na vida espiritual dos homens. Nada mais eterno e profundo do que a Morte! Na minha novela *Os maritírios de uma mãe*, por três vezes, em três desastres trágicos, eu sondei-a. Nada mais eterno e profundo do que o mistério da maternidade, e eu sondei-a na dor cruciante de uma mãe provinciana. Nada mais eterno e profundo do que a ânsia de aventura, e eu sondei-a na alma de dois emigrantes para o Brasil. Nada mais eterno e profundo do que o Acaso, e sondei-o em três fatalidades sangrentas. Nada mais eterno e profundo do que a lágrima, e eu sondei-a nos olhos de uma esposa que perde o seu Bem-amado. Nada mais eterno e profundo do que a estupidez humana, e eu sondei-a no cérebro inculto de uma mulher que, à vista de embarcações, pergunta se no mar também há pão quente.

Não lhe parece que Jorge Lourenço responderia assim?

Deixa no seu cuidado e meditação a genial figura deste estranho literato o que se confessa seu amigo e admirador

MÁRIO DOMINGUES.



SANTO ANTÓNIO LISBOETA

UMA FESTA EM PLENO BAIRRO ALTO, VISTA POR TOM

E
V
AN
I
L

UMA ARTISTA BRASILEIRA

DE CINEMA

Quando, em resenhas ou críticas cinematográficas, se fala de *estrelas* vêm-nos logo à ideia, subconscientemente, os grandes *astros* norte-americanos, essas criaturas semi-divinas que arrastam lendas de paixões, mantos de opulência, jogam alegremente com milhões de dollars loirinhos e tilintantes, tem *yates* e automóveis monstruosos, aeroplanos para ir às compras e outras boas fortunas e excêntricas qualidades que as repartições especiais de publicidade inventam e nos buzinaam aos ouvidos todas as semanas, numa das mais gigantescas séries de monumentais *bluffs* de que há memória na história da humanidade. Se forçarmos um pouco a imaginação, podemos supor ainda rutilantes *estrelas* uns tudescos e umas alemãs de cabeça quadrada, cabelos de estopa e presunções maiores do que o mundo, entretidos a fazer filmes freudianos, martianos, filosóficos, vanguardistas, psicanalíticos, realistas, enfim, umas monstruosidades com muita luz,

muitos truques exquisitos em que a sua *kolossal-technik* subverte toda a beleza, substituindo o sol pelo mercúrio incandescente, a natureza pelo *staff*, a alegria de viver pela tristeza de pensar, criando uma nova humanidade alanceada por teses a discutir por sábios mazombos, vivendo em casas de pesadelo, com iluminações macabras, numa orgia de «Processo Schufftan» do peor gosto germânico. *Estrelas*, portanto, no firmamento do cinema, só as concebemos estado-unidenses ou prussianas. Se nos falarem numa *estrela* portuguesa rimo-nos e estendemos o riso até à suposição de haver uma *estrela*, mas de verdade, autêntica, no nosso querido Brasil.

No entanto, nada de mais verdadeiro. Na grande República sul-americana em que se fala o português, mercê da sua opulência monetária, está em infício, mas em bom infício, a indústria-artística do cinema. Já se realizam bons filmes e muitos filmes. E já há, portanto, *estrelas*. Entre todas uma se destaca, fulgurante, como verdadeira artista e linda rapariga, dum encanto muito particular e muito profundo. É Eva Nil, que hoje surge nas nossas páginas, protagonista de muitos filmes de autêntico mérito e que será, sem dúvida, a figura de mais destaque mundial na adolescente cinegrafia brasileira, se a onnipotente Hollywood não a seduzir, a péso de dollars, para ir fazer companhia, a outra brasileira deliciosa, Lia Torá, que já começou a querer lucilar, como astro de segunda grandeza, ao lado dos «sóis» da tela mundial. Para o triunfo tem Eva Nil todas as qualidades: talento, formosura e paixão pela sua arte. É justo o seu triunfo.



Um retrato de Eva Nil especial para Ilustração

GRANDEZA E AS DE PORTUGAL

PADRÕES DE NOBREZA PADRÕES DE TRABALHO BARCELOS E A SUA GENTE ILUSTRE



A capelinha da Senhora da Franqueira

O CASTELO DE FÁRIA

Falar do castelo de Faria é tocar nos ciza-dim morto — cinco raras, dispersas pelas montanhas. O castelo de Faria vive unicamente na Tradição e na História. Nesse moço que entraria, a noroeste, a capelinha da Franqueira, e onde o velho habitante de glórias portuguesas sempre dominar dos vales vizinhos, como de Heralando, com suas torres e sinetas, com sua habitação e fozes, com seus pátios e algarves ferreados, encontramos apenas algumas pedras desintegradas, sem construção, mal deixando desvagar que deviam ter servido de alvarco a três de megalito.

O Brasil, que muitos tempos era, pelo visor, muito mais reverenciado do presente que do passado, levando lá pelo que dita o *Pater-Notre* e contestações, por isso, com o espóssimo de cada dia; e esquecido, por outro lado, do verbo evangélico, nem só de pelo vive o homem — foi a primeira religião, redutiva a fragmentos e com êlas construídas, mais alvino, no dorso acatado do monte, numa suntuosa moradia, com velas esquadreadas dos friso, adaga e dispersa bem tendida, largos campos a vista fornecida e milho, o centeio, o trigo, a fruta e o vinho.

Degenerou naquela légua chitra o sangue forte e rubeo que espadanara sobre as históricas pedras do castelo em que se praticou um dos mais notáveis feitos de armas que a nossa História registra, e de cujo adarve e baluarte se possessionou o acto de maior abnegação e fidelidade que pode praticar um homem.

No tempo em que reinava aquele efêmero tris que falia êtica a forte gente, austeridade e energia nos albos senecida deusa sobre que foi Leonor Telles, os castelhanos, sempre cubosos da terra sagrada de Portugal, julgaram ainda o ensejo para tirar do castelo de passados insulso, penetrando no



Alguns cômodos do castelo da Franqueira

ria, a defesa organizasse e a vaga dos inimigos extinguisse.

OS FARIAS DE BARCELOS

Nuno Gonçalves de Faria, como irrefutavelmente o demonstra o sr. José de Azevedo e Meneses, em polémica notável com o sr. Bernardino Pereira, pertence à primeira nobreza do reino, sendo filho de Gonçalo Fernandes de Faria, que vivia na terra dobe nome, junto da Franqueira. Nomeado atazal do castelo de Faria e vassalo de D. Pedro I, fôz-lhe dada a *sesmaria* de Faria em pagamento de *contas de seis maravedis*, o que era já por si um título de nobreza, e o *recolato* de Milhais, hoje Milhães.

De sua primeira mulher, Teresa de Meira, filha de Gonçalo Pais de Meira, fidalgo principal do seu tempo, teve três filhos: Gonçalo Nunes de Faria, que defendeu o castelo e viu a gloriosa morte de seu pai, tornando-se depois cônego; Álvaro Gonçalves de Faria, fructo do casamento de nobres famílias que usou

este nome e uma filha natural, segundo rezam os genealogistas, Teresa de Faria Meira, não explicando êlas a que título apparece esta filha natural de uma mulher legítima, Gonçalo Nunes de Faria, apesar da sua vocação religiosa, não rendeu à virtude pedro herança senão-basta ao que já tendora à pútrida, e na freguesia de Rio Claro, onde era abade com largas prebendas dos prelados e seculares com que o haviam galardoado, vivia em tal riquismo e ociosidade, que a delenda da terra se converteria em completa de grangas e testaduros lavandras.

Os três filhos de Nuno Gonçalves tiveram todos, por isso, descendência, uma legítima outra legítima, mas em que exarctam, com garfos de maior em menor profundidade, algumas das mais nobres famílias que hove e ainda existem no país.

Há sangue de Farias espalhado pelos seguintes ramos: Farias-Galves, Farias-Bombasores de Belmonte, Farias-Scriverias, Farias-Lemos, Farias-Velhos, Farias-Barboses, Farias-Barretos, Farias-Egas, Farias-Machados, Pais de Faria, Farias-Arriolos, Almalhões-Verezas, Arrejos Gaios, Azevedos-Lemos,



Casa de Nuno António de Viana, em Barcelos, governante a família Faria. Vista do interior de Nuno Gonçalves de Faria, hoje sua casa de D. João de Sousa Faria, Visconde

Barbosa-Bombas, Bejos e Meneses, Botoz-Bombas; Campos das Aldeovas, de Alva, de Arinos, da Anilada, da Amora, de Azevedo, de Barbaena, de Bertalinos, de Castro Belmonte, de Isabelda, de Calheiros, de Comarido, de Caravellas, de Carvalhal, da Costa, da Cunha, das Galveias, da Guarita, da Lapa, de Lavraldo, de Leira, de Moscosedo, de Murg, de Oribido, de Odeira, de Odeira, de Palma, de Paraty, de Penafiel, de Pevamarco, da Ponte, do Prado, do Prado da Silva, da Relindia, de Sabugal, de Sabugosa, de Sant'Iago, de S. Jarmilho, de S. Lourenço, de S. Miguel, de S. Vicente, de Sebal, de Souto, de Sousa Continho, de Tarcosa, de Teravado, de Teresa, de Velloso, de Vila Pêra, de Vila Real, Cambos-Sobramontes, daque de Tancos e da Terceira, Falcões-Costas, Feres de Amalco; Marqueses de Lindoso, das Minas, de Montalvão, de Penafiel, de Pombal, de Sabugosa, de Santa

Fita, de Seival, de Tancos, de Teresa, de Viana, Viçcondes da Andra, da Atengida, da Carreira, da Costa, da Ferveira, da Grande, de Gondea, da Lourença, de Negrello, do Olival, do Pago de Sespereira, de Pernes, do Forno da Regoa, de Fôndaga, de Rita Tamaga, de S. Gil de Vello, do Terroir, da Torre da Moura, de Vila Nova de Nouto d'Al-Rei, de Villarinho de S. Romão, e outros, e tantos, que impossivel seria terminar a lista.

Muitas famílias ilustres haverá em nosso país com tão larga ramificação.

SENHORA DA FRANQUEIRA

Antes de illustrarmos os solares das principais famílias de Barcelos, que encontramos na árvore genealógica dos Farias, vejamos o que ainda existe digno de ser visto e observado nesse monte que lá faz um de sacrificio em cruentas bombas ao amor da Pátria.

Na parte mais alta, de acesso difícil e perigoso, e dando-se distinta vista das mais soberbas vistas panorâmicas de Milho, existe ainda, bem conservada, a capela da Senhora da Franqueira, que se localiza em Agoste.

Atravessa-se a sua fachada no grande Egre Monte, ao de Amos Henriques, o famoso prototipo da bealhe, só igualada por Nuno Gonçalves de Faria. Embora haja, no corpo da ermida e na capelinha, restos da actual fabrica, o frontispício é de construção relativamente recente, costando pouco mais d'um réis.

Passou ainda, a servi de pedra de ara, no altar-mor, uma mesa de fidalgo jaspé, trazida de Ceuta, no diaz dos cruzados, por D. Afonso, Conde de Barcelos e Filho natural de D. João I, acrescentándose que nella reza Collalencayra, senhor de Ceuta.

Quando em Barcelos houver homens de maior iniciativa, a Franqueira, com mais facil vida de comunicação, será um dos pontos preferidos pelo turismo e lugar-santo de peregrinações dos devotos e patriotas.



Porta da capela de Pedraço

O CONVENTO FRANCISCANO

Descendo a encosta do monte, na direcção Nordeste, encontra-se o convento dos antigos frades de S. Francisco da Soledade, construído numa esplanada de declive suave com as pedras do Castelo, como acima dizemos. Parece que este crime foi cometido em 1563 por D. Henrique de Sousa, último comendatário do mosteiro de Rendufe, que reedificou este convento no sítio onde hoje se encontra. O primeiro fôra construído no interior da actual quinta e constava dum simples eremitério, fundado por Vicente, o Pobre e sua mulher, Catarina Ajonso, que ali fizeram vida eremítica, despojando-se dos avultados bens que possuíam na cidade do Porto.

A igreja encontra-se regularmente conservada e tem uma frontaria interessante, século XVI. O edificio do convento está abandonado, parecendo que as pedras de que foi construído ainda clamam vingança, desmoronando pouco a pouco. Não se conformaram, certamente, com a desfeita de verem desaparecer as nódoas gloriosas do sangue que as banhara com o rogar dos negros hábitos duns inofensivos e timoratos frades.

A velha cêra está agora transformada em quinta de lavoura, por serem os seus rendimentos, sem dúvida, o que mais interessa aos seus proprietários.

CASA DA FERVENÇA

Descendo da Franqueira na direcção Norte, encontra-se ao fundo da encosta, numa larga planície, a ilustre casa da Fervença, rodeada de campos de sementeira, coroada de extensas bouças de pinheiros, eucaliptos e carvalheiras. Fica num sítio recolhido, aprazível, com larga vista panorâmica para as bandas do Cavado, vivendo ali uma família que ostenta os honrosos pergaminhos da nobreza e do trabalho. É uma ampla construção senhorial, de aspecto magestoso, abrindo a sua entrada principal, com capela e uma extensa varanda assente em colunas afestoadas de trepadeiras e glicínias, para um largo terreiro ajardinado e murado.

Tereza de Faria Meira, filha do glorioso alcaide Nuno Gonçalves, casou com Estevão



Castelo do Curutêlo, da família Felgueiras-Gaio, em S. Julião do Freixo

Lourenço Gaio, que foi armado cavaleiro por D. João I em Aljubarrota. É seu descendente e representante o sr. Carlos Alberto Machado Pais de Araujo Felgueiras Gaio, 1.º Visconde da Fervença, cavalheiro de rara distinção e culta inteligência, muito considerado em Barcelos, onde tem exercido cargos públicos, e que se não desvaneceu, como outros antepassados, com prosápias genealógicas, tratando de conservar e de aumentar, com administração cautelosa e trabalho persistente, os bens adquiridos. Seus filhos estão ligados, por parte da mãe, D. Candida Gomes Vinha, à casa da Barreta, de Barcelos, que pertenceu a outro ramo dos Farias, os Farias Eças.

Parece que D. Tereza de Faria Meira trouxera em dote parte das terras que formaram a honra da quinta de *Onega do Paço*, na freguesia de S. Romão de Milhazes, onde também, segundo é fama, fôra o primitivo solar dos Farias.

O actual Visconde da Fervença tem o domínio directo do prazo de *Espêzes*, situado na mesma freguesia, cujas glebas, incluindo o campo do Paço, pertenciam ao morgado da

Fervença, instituído por António Martins Gaio e outros em 25 de Janeiro de 1521.

A família dos Gaos tinha parentela na Póvoa de Varzim, — os Farias Gaos, senhores do morgado da Madre de Deus — ; em Vila do Conde e em Valença, possuindo o solar de Barcelos, sobranceiro ao rio, perto da ponte, o qual ainda hoje existe, e o de Curutêlo, do ramo Felgueiras Gaos.

Entre os antepassados ilustres do sr. Visconde da Fervença conta-se Manuel José da Costa Felgueiras Gaio, autor do «Nobiliário das Famílias Portuguesas», obra manuscrita, de grande valor, que existe na posse da Santa Casa da Misericórdia de Barcelos, mas do qual, segundo se diz, e a-pesar das recomendações do testador, já desapareceu um volume, certamente por nele se dizerem verdades que não agradavam aos descendentes de qualquer família menos limpa de origem. Quem sabe se nele se contaria a história daquele padre que, vendo o sangue a esgotar-se numa viuva sem geração, entendeu que, a-pesar de se tratar duma irmã, a raça não devia terminar ali?

QUINTA DE PEDREGAIS

Parece que o solar dos Farias, como fica dito, foi a honra da quinta de *Onega do Paço*, em S. Romão de Milhazes, agora em grande parte incorporada na casa da Fervença. Mas um ramo da família Farias, senhores das casas da Bagoeira (Barcelos), Hortas e Infias (Braga), foi possuidor da terra honrada que pertencera a Vicente Gonçalves e a D. Estevão Peres de Rates, englobada na quinta e depois morgado de Pedregais.

Não foi esta quinta o primitivo solar dos Farias, como alguns quizeram, mas pertenceu a um dos seus ramos mais ilustres.

A antiga casa e torre desta quinta desmoronaram há meio século e resta agora apenas um curioso portal do tempo de D. João V, com as armas dos Farias, já alteradas.

O CASTELO DE CURUTÊLO

Como dissemos, esteve em tempos idos enquadado no domínio da Fervença o castelo de Curutêlo, situado na antiga paróquia



A casa dos Gaos, na rua Faria Barbosa

de S. Julião de Paçõ, hoje freguesia de S. Julião do Freixo, do concelho de Ponte do Lima.

Parce que houve já ali uma construção no tempo dos romanos, como o denota a palavra Paçõ (*palatium*), mas a recente, ou melhor, a parte que ainda resta da segunda construção, cruelmente mutilada, deve remontar, segundo alguns, ao século XII. Baseia-se um crítico, para chegar a esta conclusão, no facto de existir uma porta ogival na torre de menagem, sendo a partir do século XII que appareceu na França a ogiva com a padieira direita, mostrando-nos este castelo as duas formas de arquitectura militar de então: a ogiva na porta e o quadrado das janelas primitivas. Mas, por isso mesmo, a construção deve ser bastante posterior, porque no século XII começava o ogival ou gótico a irradiar da França para outros países, e o avanço das letras e das artes não tinha no seu dispor, naquele tempo, a moderna velocidade dos automóveis e dos aeroplanos. As principais edificações góticas, em nosso país, remontam aos séculos XIV e XV, idade provável daquele castelo, cheio de remendos e enxertos.

Da primitiva construção, af pelo século XI, foi senhor D. Simão de Curutêlo, cuja trágica façanha os velhos nobiliários relatam com sarcástica ironia.

Foi o caso que D. Nuno o Velho, que jaz no convento de Carvoeiro, Viana, assassinou ou mandou assassinar D. Gonçalo Pais Lopo, sobrinho de D. Simão, e cuja lenda mais tarde contaremos. Indignou-se o fidalgo tio, e, diante de D. Afonso VI, de Espanha, increpou violentamente o velho D. Nuno pelo seu proceder covarde, não só matando D. Lopo, mas desonrando em público sua própria mulher. Como era inválido, foi-lhe consentido que desse homem por si, indo seu filho Pero



Fachada da igreja do convento da Franqueira, construída no século XVI

Nunes bater-se por êle. D. Simão foi vencido, terrivelmente maltratado e teve de desdizer-se em campo, sendo tal o susto que apanhou que a sela do seu cavallo ficou cheia de excremento humano, e o povo chamou-lhe depois, como suprema afronta, o «Faz-na-rua».

O *Livro Velho das Linhagens*, que narra esta lenda, emprega palavras mais explicitas, estando a exclamação de Cambronne escrita com todas as letras e a palavra *faz* substituída por outra mais pitoresca e vulgar.

Esta casa pertenceu depois aos Felgueiras ou Galos Gaios e está actualmente na posse do estimado e distinto espozendense, sr. Valentim Ribeiro da Fonseca.

Mas estas «Ninharias» — livro do sr. José de Azevedo e Menezes, de que várias vezes nos socorremos — vão sendo já longas, porventura fastidiosas para muitos, e o assunto tem de subdividir-se, porque é inesgotável.

Alguns desejariam mais cuidada descrição architectónica, outros maior desenvolvimento na parte histórica, muitos prefeririam a contextura saborosa e, por vezes, escandalosa das lendas e narrativas. É impossível agradar a todos, e mal nos iria se dessemos ouvir a certos críticos de vistas curtas.

O nosso fim, descobrindo e documentando gráficamente muito do que ainda entre nós existe de desconhecido, e de certo valor histórico ou architectónico, é apenas abrir caminho aos doutos e cultos, que mais tarde poderão realizar obra completa e perfeita.

REINALDO FERREIRA
SOUSA MARTINS.

NOTA — O inquérito que vamos iniciar, e que tem de ser fatalmente demorado, abrange apenas, em primeira fase, as províncias do Norte: Minho, Trás-os-Montes, Douro e Beiras.

Aos investigadores, arqueólogos ou mesmo curiosos, que tenham conhecimentos de velhos solares, conventos, castelos, igrejas e quaisquer outras obras antigas, que se recomendem pela sua arquitectura ou pela sua história, muito agradecemos a fineza de nos fornecerem esclarecimentos sobre o local e estado em que se encontram, com dados descritivos ou indicação de fontes subsidiárias.

A correspondência relativa a esta secção deverá ser dirigida a *Sousa Martins*, Travessa Fernão de Magalhães, 50 — PORTO.

R. F. e S. M.



A nobre casa da Pervença, na freguesia de Gilmonde



MACAU PITORESCO — PÔR DO SOL NA BAÍA

(Foto J. N. Catela).

FIGURAS DESAPARECIDAS...

BURNAY MARTINS

A MAIS PITORESCA FIGURA DE LISBOA DO SEU TEMPO

Esse pobre Burnay Martins que há meses, solitário e desamparado como sempre vivera, acabou tristemente num hospital, entre os gemidos dentro moribundos, o cheiro do clorofórmio e as exortações piedosas dum padre que pedira lhe fôsse chamado, êsse triste Burnay Martins foi, talvez, a figura mais característica do seu tempo e da minha mais solene embirração. Não o nego: tive-lhe azar... Por duas ou três vezes mo apresentaram e eu, fiel à embirra inicial, se o via por aqui, safava-me logo por acolá. Que zanga, que zanga eu lhe tinha, Deus me perdê! Vinha uma pessoa farta de trabalhar, com o cérebro chocalhando bôrra de ideias, uma enorme scisma contra as lotarias da Santa Casa e outros pensamentos igualmente rebeldes; vinha a gente derreda pela diária labuta e — era certo: — lá andava êle, quixotesco de figura, as calças puídas que haviam pertencido a outro subindo-lhe teimosamente pelas chuchadas canelas e descobrindo uns sapattoros em decadência; o corpito esgrouviado eingido por um casibeque de côr esquecida; o queixo sumindo-se, desaparecendo obstinadamente, cara avergoada por noites perdidas, nariz sempre no ar, um cigarrito a queimar-lhe a bôca de forçado deciliteiro e o tonticho coberto por um chapelinho a piar misericórdia — lá andava êle, já na pedincha, recebendo uma corôa dêste, uma resposta bovina daquele ou a ameaça bestiaga de dois pontapés por banda daquele outro que fundira na batota a mesada paterna ou tôda a noite deambulava na pândega com frecheiros encartados!...

...Santo Deus! Para que andava aquele desgraçado no constante peditório, na contínua humilhação de todos os dias e de tôdas as horas se tantas e tantas maneiras tinha de se governar bastantemente, êle que fôra semi-diplomata, conhecia como os seus dedos a alta roda, falava línguas e poderia, desde que isso lhe desse na bôlha, ganhar a sua vida como qualquer de nós? Francamente, era desprezível aquela existência descarada, aquela sem vergonha com que êle, perfeitamente à vontade, sujeitava tôda a gente a uma forçada contribuição, e ficava impassível quando lhe negavam sequer o direito de se sentar ali, ao pé de nós, bebendo ou conversando!... Era de arrelhar e eu, quando êle se aproximava, sentia-me menos cômodamente do que São Lourenço na grêlha!

* * *

E, afinal de contas, como eu e todos os outros, éramos injustos para com êle, para com o mísero polichinelo lisboeta que, de Burnay de pataco, subira, por via da alta da moeda, a Burnay de tostão, e, por fim, a Burnay de corôa! Como nós havíamos sido injustos para com êle que, mais não fôra, tal-

vez, do que uma degenerescência ambulante, e, por certo, um produto de más companhias, um rodrigúinho da vida cidadina, com muito mais nobreza e maior constância de ideias do que a turba-multa que lhe dava esmola, lhe oferecia pancada e o deixou, por fim, morrer num hospital, abandonado e contrito, entre o

cheiro adocicado e repelente do clorofórmio, os gemidos dos outros agonisantes e as piedosas palavras dum sacerdote — quiçá, as únicas exortações produtoras e sinceras que em tôda a sua vida escutara!

...Daí, tôda a mágua, todo o arrependimento que me causou a sua morte... Sumir-se-me a zanga num momento e queria, se tivesse pecúnia e estivesse a tempo, arrumá-lo na vida, tirá-lo de vez aos cafés aonde passava os dias quási inteiros, ao Zé Dieguez, aonde o faziam emborcar copázios de mistelas aguardentadas, ao Paco, ao Farta Brutos, ao Alfaia e quejandos poisos costumados de boémios, aonde o acolhiam de sos-



Um belo retrato do boémio, por Fernandes Tomás

laio toureiros e fadistolas; lhe exigiam moções ou lhe consentiam, uma vez por outra, magnânimos, que se fôsse assentar longe, lá na mesa do fundo, se queria encher a barriga!... O que o pobre sofreu, que vida tris-tíssima a daquele desventurado boémio, sem lar, sem amigos, sem juízo!...

A sua faina começava muito cedo e botava até altas horas da madrugada. O processo era sempre o mesmo: correr todos os cafés e restaurantes e filar o primeiro conhecido para que lhe emprestasse até logo um dinheirito de que precisava urgentemente. Se adregava topar alguém das suas relações na *Brasileira*, no *Martinho*, na *Garrett* ou no *Zé Diegues*, Burnay Martins chegava-se muito surrateiro e zás! a mesma história. Que eu saiba, nunca pediu dados os vinténs ou as corças: eram sempre emprestados porque, dizia ele com ares imponentes, à noite viria pagar, ora essa! vinha pagar... Alguns conhecia eu que nunca se furtavam a dar-lhe dinheiro: nem mesmo era preciso cantiga, como por exemplo o pobre Arnaldo Pereira, que Deus tenha. Outros, porém, ou fôsse por nativo pendor para a grosseria, por já terem sido causticados um rôr de vezes ou por embirramem com quem não trabalha, davam-lhe de costas ou ordenavam brutalmente que se puzesse já, já, dali para fora. Houve uma ocasião em que lhe proibiram até a entrada nos cafés e restaurantes. A contribuição teve então de ser recolhida pelo Burnay Martins por forma diferente... O boémio chegava ao passeio, botava o olhinho altivo para os mirones da portaria e, se estava alguém da bela sociedade, a coisa às vezes arranjava-se... Mas, se não conhecia ninguém entre os que se entretinham coçando as esquinas da entrada — o que era difícil porque o Burnay Martins era um *Anuário Comercial* com duas pernas — então não havia remédio: era fincar os sapatões no passeio e esperar ali, a pé quêdo que, da baúca, saísse um fulano: lá dentro é que ele não iria apodrecer! E Burnay Martins nessa ocasião, prático em tauromaquias várias, esperava-o à gaiola, recebia-o de frente, colocava-lhe a mão protectoramente no ombro ou filava-o por um botão da véstia e... O resto adivinha-se: ou recebia um empurrão ou via-se o contribuinte encafiar os dedos no colete sacando de lá as moedas que o boémio sumia imediatamente, arqui-ducal e grão-senhor... Depois outro e outro, pelo mesmo processo, até se lhe esgotar a lista mental dos seus conhecidos e ele desandar, esgrouviado e quixotesco, a caminho doutros lugares de contribuição directa...

Antes, porém, de lhe vedarem o acesso aos poisadoiros do chonchoeiro lisboeta, dos jornalistas adiantados no vale à caixa, dos revolucionários românticos à espera de colocação rendosa, ou dos literatos casposos de alma e touço, Burnay Martins primeiro que cruzasse a portaria esticava o pescoço para o interior, brotava de lá uns olhinhos que via mais longe que os dum faleço, entrava de cigarrito nos beiços, nariz levantado e postura cheia de importância, arrastava uma cadeira para junto da cambada, assentava-se, batia as palmas e mandava vir café ou o que melhor adregasse. Se eram literatelhos que liam coisas uns aos outros, curvados sobre o mármore da mesa e piscando os olhos a cada fumaça do cigarrinho, grudado ao beijo inferior, o Burnay Martins ouvia, ouvia, desarrancava do cérebro duas ou três palavras de apreciação fulminante, humorista, certa e, por fim, começava a dança: os fabianos pagavam-lhe o café e vá de lhe passar para o sumidoiro do colete a contribuição a que o

seu talento submetia os circunstantes... Mas quantas vezes, quantas! ao sentar-se ele junto da súa que não o convidara, lhe voltavam as costas, faziam ouvidos de mercador à lenga-lenga do impávido peditério ou o escorraçavam, atirando-lhe frases que eram patadas de toiro, ou coice de mula com favões! Do que ninguém tratava era de lhe dar conselhos, de lhe arranjar emprego, de o livrar daquela humilhante miséria, daquele viver de Pablillos de Valladolid, a quem, muito mais infeliz que o bufão da pródiga e faustosa corte de Filipe IV, fazia minguia soberanos e fidalgos que lhe garantissem a vida e lhe trocassem em peças de ouro a rija piada!...

Fique, porém, dito e esclarecido que Burnay Martins não nascera para bóbo. Aqui há cento e tantos anos se ele honvera surgido para a vida mordado de casa opulenta, com solares armoriados por essas terras de Portugal, pingues rendas de quintas e lameiros, áreas cheias de dobrões de duas caras e escapates vergando ao péso de loijas da China e Japão, o pobre boémio teria sido um daqueles fidalgos autênticos, de mesa sempre posta para quem viesse, mãos rôtas e generosas, imponente e episcopal, com estrebarias retumbando ferraduras de cavalos de raça e todo ele gastando à larga, distribuindo à maluca, deixando-se roubar pelos caseiros solertes, ouvindo missa devotamente, enroupado a seda e veludo, e largando a três soltas para as ferras de novillos e touradas de fidalgos... Não: ele não nascera para bóbo... Viera ao mundo para gastar, para dar, para atirar dinheiro pelas janelas, como um grande senhor doutros tempos, incapaz duma vilania, aferado a uma ideia política, vítima, talvez, duma péssima educação, cérebro derrancado por várias degenerescências, alma generosa, altiva, chalacante... Pobre Burnay Martins!...

...Dêle se conta que, talassa empedernido, — Burnay Martins era-o por certo, devido a preconceitos da família, porque, a cem léguas estava ele de perceber diferenças entre repúblicas e monarquias! — dêle se conta que, por ocasião do 14 de Maio, fôra surpreendido por uma grande chusma de populares e marujos, os quais, de carabina apertada, haviam ido fazer em estilhas o Club Tauromáquico, atirando das varandas abaixo tôda uma caqueirada imensa que vinha desfazer-se nas pedras da rua, entre o borborinho de mirones, pocirada de destroços e o rasgar de farapagens... Ao descer de roldão as escadas do clube, e já liquidado aquele poleiro doirado de janotas e fidalgos, os assaltantes deram de cara com o Burnay Martins, espêcado no passeio fronteiro, raivoso, impotente, vociferando aos quatro ventos impropérios contra a destruição do Club... A malta, a princípio, estacou surpresa... Depois ia para lhe acabar com a raça quando viu de quem se tratava — porque o Burnay Martins era conhecido de, pelo menos, meia Lisboa... Filado pela gola, mandaram-lhe que desse imediatamente um viva à República se não queria ficar com os ossos como as massarocas no calcedoiro... Burnay Martins empertigou-se, olhou a todos lá do alto do seu desprezo de grande senhor antigo e:

— Viva a monarquia!

Ah, Deus do céu! que chuveiro de bofetadas, de sócos, de pontapés, sobre aquele arcaiboço de pelancas e ossos!... E levantando-o depois do chão, os agressores, — cuja irritação quem quiser compreenderá bem! — faces incendiadas pelo ódio, as mãos comprimindo nervosamente os canos das carabinas, novamente lhe ordenaram a salvação ao regime

novo e triunfante. Mas o boémio, esmurrado, socado, moído a patadas de carregador, tornou a empertigar-se, olhou altivamente a acirrada turba-multa e:

— Viva a monarquia!...

Dessa vez então, a coça atingiu proporções de dilúvio. Sócos, murros, pontapés, coronhadas, sapatões e botorras caindo como martelos-pilões sobre aquela mísera carga de ossos, um inferno de pancadaria que o deixou esnoado, jorrando sangue, feito num mólio... E então Burnay Martins, apanhando uma aberta naquele aguaceiro de taponas, ergueu-se, limpou o fato, enterrou o chapelhinho na cabeça empastada e, largando numa correria louca, Chiado acima, bradou num grito em que ia tôda a convicção ferrenha que muitos dos seus camaradas de ideias não conheceriam nunca:

— Viva a monarquia!...

E assim foi gastando o tempo, numa existência perfeitamente inútil, dolorosa, sem sentido nenhum. Uma vez andava desprezível, o fato na última, os sapatos a fugirem-lhe dos pés, as calças a treparem-lhe pelos canões esticados, o chapelhinho a morrer de fadiga e tão sobento que, à falta, poderia temperar o rancho dum batalhão... Doutras vezes, porém, Burnay Martins surgia dandinesco, todo Regent Street ou Piccadilly, enroupado em fatiots brumelescas fornicadas por qualquer elegante que delas se cansara. Andasse, porém, miserável, que nem por isso Burnay Martins deixava de envergar com aprumo os seus andrags, verdadeiro D. César de Bazan, cujo altivez e soberberia se elevavam acima da miséria da sua rôta indumentária!... Que curiosa figura a dêste boémio, que triste-alegres episódios os da sua vida — como aquele de fingir de gago para experimentar a sabença dum especialista e a trôco de cincuenta mil réis... Em certa ocasião, como lobrigasse num restaurante certo ricaoço seu conhecido, preguntou-lhe se podia também jantar. O fabiano aquiesceu sob condição de Burnay se ir sentar a outra mesa.

— Oh meu caro F.: para comer tôdas as mesas são iguais!

E jantou, longe do ricaoço, opiparamente, mandando vir quanto lhe deu gana e dando até ao luxo dos charutos caros e de duas garrafas de Vidago... O outro, quando o criado lhe apresentou a conta do improvisado convívio, pôs-se a refilar: aquilo era um abuso!...

— Meu caro F. — respondeu o boémio — eu não tenho culpa que o meu amigo não saiba alimentar-se!...

E, pondo o chapéu, safu, imponente e arqui-ducal, baforando fumaças do caríssimo charuto!

Um dia, a Morte, pô-lo também à contribuição, esgalgando-o ainda mais, britando-lhe os ossos, delindo-lhe as pelancas do arcaiboço, vampirizando-lhe todo o organismo. A terminar a dolorosa tragi-comédia que fôra a sua vida inteira. Atiraram-no para um leito do hospital, forçado *terminus* duma vida sem sentido, sem lar nem amigos, entre o cheiro dos anestésicos, os gemidos e gritos da humana miséria, os cuidados rápidos da enfermagem mercenária. Como um senhor antigo que deveria ter sido, Burnay Martins não quis morrer sem primeiramente pôr de acôrdo a morte e as suas ideias... Pediu que lhe fôsem chamar um padre...

...E êsse padre viu-o eu sair depois, de ao pé do moribundo, com os olhos rasos de lágrimas e desolço as escadarias do hospital, varado de soluços...

ÁLVARO MAIA.

UMA AR- TISTA MI- NHO- TA



DONA MIQUE- LINA TEI- XEIRA DE VAS- CONCE- LOS

Num relance de artista por terras portuguesas uma impressão violenta nos sangra a vista e nos inunda de amarelo — é o Sol.

Esta impressão, depois, acompanha-nos cuidadosamente com a ingenuidade de uma fôlha que se guarda, sêca, datada, colhida em tempos...

No sentimentalismo meridional, ao cabo duma vida, é um facto sintomático êste: a saüidade do Sol.

Conheço dois argumentos dêste sintoma de sensibilidade: — uma lenda-vitral duma princesa nossa, Berengaria, desterrada, que chora um dia de saüidade pelo Sol português; e êste facto apaixonado e contínuo dum velhote vizinho vir tôdas as tardes, mais o gato, junto duma janela, espreguiçar-se e, mansos e velhos, ficarem a pensar brandamente porque motivo a nossa bandeira não tem por côr nacional o amarelo.

Dentro da fisionomia das nações a Espanha possui a nota vermelha das arênas ou o recanto medieval dos pátios seculares, a Inglaterra a nota grave e cinzenta das residências nostálgicas de tejo com legendas de Thackeray, Portugal a expressão típica, saüável e quente, que lhe deu o Sol.

O nosso povo consagrou uma religião pagã, feita de cantigas, ao seu patrono senhorial — o Sol. O Minho paramentado de côres vistosas, igreja de naves e vitrais em romarias feitas de cravos de papel, foi escolhido para altar onde uma crença nacional ministra os seus rituais e escorpícha as galhêtas, porque o vinho é a oferenda que o povo consagra ao Deus-Sol, nosso senhor. E porque o Minho é a nossa província de maior vegetação e heterogeneidade berrante das côres, as minhotas — as mulheres mais artistas — traduziram para a sua indumentária o colorido vistoso do ambiente que as criou. E êsse traje, o mais nacional, peaminhou-se numa heresia pagã quando lhe bordaram nas *algiveiras* uma palavra singela — *Amor*.

A alma das nossas mulheres é feita de rouxinóis e corações porque foi o Sol meridional, fauno moderno, que as ensinou a

cantar o amor; o Sol tem destas surpresas...

Uma nação como a nossa estava naturalmente idnicada para ser uma terra de poetas e artistas. Juntamente com o mar êle criara a nossa canção dolente e árabe, indice da índole afectiva dum povo que em oito séculos de existência fizera de Portugal um canção enorme.

Há, pois, em todos nós um pouco de Sol, um pouco da nossa nacionalidade, por isso a nossa arte é linda e clara. O Sol, nosso patrono, é o mestre senhorial da arte nacional, produto tão nosso como os touros o são de Sevilha ou as rendas da Bélgica, tão grande que cabe numa nação.

* * *

Dona Miquelina Teixeira de Vasconcelos é uma artista minhota. A sua arte tem por isso nacionalidade numa época em que, pelo contrário, a Arte é híbrida, satisfazendo as necessidades da vida moderna cosmopolita e rápida. A sua Arte, porém, é portuguesa e calma, são psalms feitos de tintas, tão portugueses como os corações de filigrana.

Esta senhora, irmã do poeta lusíada o dr. Teixeira de Pascoais, colheu para assunto das telas ambientes regionais, colhe-as no Minho, flores campestres, enfeite de ramilhete.

Tão portuguesa como seu irmão, o poeta da saüidade, esta senhora também é uma poetisa, escolhendo o ritmo nas côres e o assunto em Portugal; tão artista como Maria da Fonte ou Soror Mariana, o seu ímpeto de sensibilidade apaixonada não teve por cenário o tumulto revoltoso de 1846 ou um convento frio, oxidado, mas a paisagem sóbria do Marão, onde o Sol prostrou a sombra a seus pés.

No Solar de Pascoais, em Amarante, onde esta família habita, há sempre uma janela aberta para longe, para o Marão. É uma homenagem, aquela janela aberta, ao monge velhinho que as ensinou, crianças, a sentir. Primeiramente o Marão, quando petizes os dois artistas, fôra um *paþão* enorme que lhes ralhara pelos saques ao laranjal, depois o Marão fôra um mestre mais transigente com a bondosa transigência dos velhos ensinando a um a ser poeta, a outra a ser pintora e a ambos a serem portugueses irmanados pelo sangue e pela Arte.

O Marão foi a única escola de Miquelina Teixeira de Vasconcelos, que desconheceu sempre restrições ensinativas e caducas, ou a razão química da combinação das côres, o seu *atelier* e o seu laboratório foram mais amplos e compreenderam todo o Minho. Levada pela sensibilidade, que se aguçava nas mulheres no cadinho misterioso das almas, Miquelina Teixeira de Vasconcelos pintou como soube e deixou transparecer nos seus trabalhos um feminismo e um requinte duma renda de crivo. Quási todos os seus trabalhos são *pochades*. Esta incerteza na precisão das formas traduz melhor o vago, o nebuloso e incerto dos sentimentos e a artista é uma pintora sentimental como Bernardim foi um poeta lírico. Depois os assuntos caseiros ou paisagistas deixam gravados, como num bilhete postal, o sinal digital duma mulher. A preferência pelo sombrio colhido junto do alacere e crú das côres, pelo facto real de ser sombria da luz, dá-nos esta dualidade, que, impressa nos seus quadros, é a mais significativa da sua personalidade; e isto lembra-me que Teixeira de Pascoais e Miquelina Teixeira de Vasconcelos são dois poetas da Saüidade...

É provável que o solar de Pascoais tenha, mais tarde, uma lenda comprida que o vulgo, escultor de histórias, embelezará num paladar português com príncipes e princesas e saüidades...

LITERATURA INFANTIL

Já lá vai um bom par de anos, depois que Eça de Queirós escreveu aquele seu lindo artigo, depois coligido nas *Cartas de Inglaterra*, em que lamentava a falta absoluta em Portugal de livros adequados às crianças, compostos a propósito para as distrair, educando-as. Se o primoroso romancista hoje visse, não poderia dizer o mesmo. O exemplo da Inglaterra e outros países do Norte, que ele nos apontava e aconselhava, está sendo enfim seguido com entusiasmo. A literatura infantil tomou, nos últimos tempos, grande incremento entre nós, e vai constituindo já um ramo muito importante do nosso movimento editorial. São agora numerosos os autores e autoras que se dedicam a divertir e encantar esse adorável público bebé, que tem crescido dia a dia.

Mas, por isso mesmo, que a produção do género é já bastante vasta, seria talvez oportuno perguntarmos a nós mesmos se, em geral, a empresa terá sido bem orientada, se os princípios que têm norteado a expansão dessa minúscula literatura terão sido os melhores, ou se, pelo contrário, haverá vantagem em alterá-los nalguns pontos, considerados menos justos e salutares.

O problema é mais difícil do que à primeira vista se afigura, e não sei eu que me julgue competente para resolvê-lo. Requerem-se, para isso, aptidões e estudos pedagógicos especiais, além de um finíssimo senso estético e psicológico.

Não obedecem, por isso, estas linhas ao intuito de apresentar soluções, nem tão pouco ao de uma crítica de conjunto à literatura infantil que em Portugal se vem elaborando. Visam simplesmente a formular algumas objeções, que me parecem sérias e atendíveis. De resto, admitindo mesmo que a grande maioria dos livrinhos para crianças, que entre nós se têm publicado, merecesse classificar-se de inferior ou de mediocre, — se, no meio dessa avalanche, alguns belos ou interessantes livrinhos pudessem apartar-se, por pontos que fossem, já seria isso bastante para nos louvarmos da empresa. E não pode negar-se que alguns desses livrinhos appareçam já, de todo o ponto recomendáveis e dignos de elogio.

Outras vantagens a assinalar: a graça ligeira, alegre, infantil, de muitas dessas pequeninas edições, e dos seus bonecos, frequentes vezes traçados com finura e bom gosto; e ainda a barateza delas (o Eça reclamava, naquele tempo, que se vendessem a menos de tostão; ora, deitando as contas aos câmbios, vão ainda longe disso).

Agora as objeções. Nos poucos livros para crianças — refiro-me à produção contemporânea — que, por curiosidade, tenho percorrido, nota-se quasi sempre a preocupação de que tudo neles seja da mais fácil e rudimentar compreensibilidade, desde o vocabulário aos assuntos escolhidos e aos mais insignificantes pormenores. Esta tendência, em parte legítima, afigura-se-me condenável quando levada a um tão completo exagero. Eu vou dizer porquê. — Para que um livro possa contribuir para o desenvolvimento do nosso espirito, exige-se evidentemente que ele seja

necessível à nossa compreensão, pois, se o não for, mantém-se para nós letra morta; mas é também necessário que ele tenha o poder de estimular as nossas faculdades, obrigando-as a um esforço para atingir alguma coisa que as excede, que lhes escape ao primeiro contacto. É desse esforço — tanto mais proveitoso quanto mais espontâneo e voluntário — que resulta uma maior ou menor dilatação das nossas capacidades mentais. Sem ele — nenhum alargamento de horizonte, nenhuma aquisição, ficamos tão pobres como dantes éramos.

E não só para que a leitura nos seja útil é necessário um certo estímulo e esforço, mas também para que nos divirta e interesse, para que nos prenda. Um livro já lido, se mais nada de novo tem a revelar-nos, se nos desvendou todos os segredos que encerrava, e não há nele descobertas a fazer, é um livro que deixou de interessar-nos.

Isto, que é verdadeiro para o nosso espirito (todos o sabem, por pouco que se tenham observado), com maioria de razão se applica ao espirito infantil, bem mais volúvel, impaciente e difícil de fixar que o dos adultos. Para o fixar é preciso surpreendê-lo, mostrar-lhos sob um novo aspecto. É certo que para as crianças, como desconhecem tudo, tudo são surpresas, o que torna fácil atraí-las, mas já difícil prendê-las, fixar-lhes a atenção e a intelligência.

Por outro lado, há muitas pessoas de intelligência clara mas pesada que, julgando as crianças por si, são injustas para com a vivacidade e a presteza que o espirito infantil tantíssimas vezes revela. E há também certos fanáticos da *razão*, que só a ela fazem apêlo na vida intellectual, e até na vida moral, lançando ao desprezo outras preciosas faculdades. Estes tendem a esquecer que os sentidos, a imaginação e a *intuição* (dêem-lhe o nome que entenderem; não fujo finca-pé no termo) são os primeiros órgãos do conhecimento que apparecem no homem, e é com elles que as crianças se lançam à descoberta do mundo que as cerca, até que mais tarde a razão surja, nessa magnifica e perigosa aventura.

Como resposta a todos esses, vou transcrever, traduzindo-as, algumas linhas admiráveis de Tagore, o grande poeta e educador da Índia. Ligam-se a recordações da sua infância, e dizem assim:

«As obras destinadas às crianças não tinham ainda adoptado um carácter distintivo, mas penso que isso não teve para mim nenhum inconveniente. O fluido aquoso em que se dissolve hoje o nectar literário para o servir à infancia é de certo adaptado à puerilidade dos leitores, mas não toma em nenhuma consideração as suas faculdades em via de crescimento. Os livros para crianças deviam ser concebidos de maneira que os seus leitores pudessem compreender uma parte, enquanto outra parte escapasse ao seu entendimento. Na nossa infancia, nós liamos de ponta a ponta todos os livros que podíamos apanhar à mão. O que comprehendíamos e o que ficava incompreendido continuavam juntos a trabalhar no nosso espirito. É desta maneira que

o mundo age sobre a intelligência infantil, que se assimila o que comprehende, conduzindo-a o que a ultrapassa um pouco mais longe».

Palavras que vêm apoiar o nosso ponto de vista, que já atrás deixamos indicado.

Mas escreve ainda Tagore: «Seguramente, a função mais alta da intelligência não é comprehender o sentido das palavras. O objecto principal do ensino é, não interpretar os termos, mas bater à porta do espirito. Uma criança interrogada sobre o que experimenta quando batem assim à sua porta, responderá talvez uma tolice, porque o que nela se passa excede em muito o seu poder de expressão. Eis o que ignoram aqueles que se fiam num exame para medir os resultados do ensino. Eu lembro-me de muitas coisas que não comprehendí e que, no entanto, me emocionaram profundamente. Uma vez, por exemplo, no tecto em terraço da nossa casa à beira do Ganges, meu irmão mais velho recitou em voz alta algumas estrofes do «Mensageiro das nuvens», de Kalida. Eu não sabia uma palavra de sanscrito, mas essa declamação extática, dum ritmo sonoro, bastou-me plenamente...»

Quem puder reportar-se à sua infancia há de convir que as suas aquisições mais reais não foram então proporcionadas ao seu grau de comprehensão... Não se deve attribuir pouca importância a sugestões semelhantes, quando se apreciam os ganhos e as perdas duma educação. Certas pessoas insistem para estabelecer este balanço em verificar o que a criança pode repetir do texto duma lição estudada. Mas a criança, e os que, como ela, não têm ainda do Universo senão informações elementares, habitam um paraíso onde se pode chegar ao conhecimento sem comprehender exactamente cada passo que se avança.

É quando esse paraíso se perde que vem o dia nefasto em que é preciso absolutamente comprehender tudo. A estrada real é a que conduz ao saber sem passar pelo mórno caminho do raciocínio. Essa estrada, uma vez impedida, os negócios deste mundo bem podem prosseguir-se, mas o vasto mar e os cimos das montanhas deixaram de ser accessíveis.»

São duma clarividência maravilhosa estas linhas do venerando poeta, e merecem ser meditadas por todos os educadores e também por todos aqueles que se dedicam à literatura infantil. Para que essa literatura seja boa, exige-se muita frescura de imaginação, e dons especiais de imprevisão, de graça viva e ingénua, raros de encontrar em espiritos do nosso tempo, demasiado imbridos de lógica e de análise, demasiados afeitos à abstracção. É preciso ser artista e ter talento, mas uma forma de talento peculiar, mais própria das civilizações jovens, como a grega e a indiana, para escrever boas historietas para as crianças. Por isso as literaturas modernas pouco têm produzido de notável no género, que não sejam simples adaptações (á parte Andersen e poucos mais). O que há hoje, sobretudo, a fazer nesse campo, é adaptar. E ainda para a tarefa se requer a mão muito leve e o espirito muito pronto e muito vivo. As melhores historietas para crianças não foram feitas para crianças, mas para adultos, e se as encantam, a elas, também nos encantam a nós. Nas epopeias indianas e gregas, nalguns livros da Bíblia, nos domínios da lenda e do folclore, deve procurar-se a literatura que melhor convém à infancia, porque foi escrita e inventada por homens que ainda tinham no espirito muito de infantil, embora, por vezes, já tivessem atingido uma perfeita mestria na Arte e uma alta civilização.

Mais haveria a dizer e outros aspectos a tocar, se os limites deste artigo me consentissem.

ANTÓNIO FERREIRA MONTEIRO.

Minha irmã Antonia

POR DON RAMON DEL VALLE INCLAN

STUART ILLUSTRU

Don Ramon Maria del Valle Inclan, grande senhor e grande artista, forma hoje, com D. Miguel de Unamuno e Ramon Perez de Ayala, o triunvirato dominante na literatura espanhola. A sua obra é um mundo de sensações. Crítico tenido, novelista de pulso e artista da palavra escrita dumha perfeição que lembra, a cada passo, o «Siglo de Oro». Don Ramon del Valle Inclan vê hoje, em lórina do seu nome, a admiração e o respeito unânimes, entre todas as gerações literárias da língua espanhola. Prosador de Arte, deslumbra com as suas «Sonatas» e «Memorias del Marqués de Bradomin»; homem de teatro, os seus «La Cabeça del Bautista», «Romance de Lobos», «Agulla de Blasón» e «Voces de Gesta» colocam-no na primeira fila dos dramaturgos contemporâneos. A sua «Marquesa Rosálinda» é obra dum grande poeta e dum requintado artista e em «Ruedo Iberico» o ensaísta dá as mãos ao historiador e ao novelista numa obra acabada e perfeita. «Ilustração» sente o maior júbilo inserindo hoje esta formosa novela do grande e querido mestre que assim dá as coisas portuguesas mais uma prova da sua verdadeira estíma.

I

Santiago da Galiza foi um dos santuários do mundo, e as almas ainda lá guardam os olhos atentos para o milagre!...

II

Uma tarde minha irmã Antónia pegou-me na mão para me levar à catedral. A Antónia tinha muitos mais anos do que eu. Era alta e pálida, com os olhos negros e o sorriso um pouco triste. Morreu era eu menino. Mas como me lembro da sua voz, do seu sorriso e do gélido daquela mão quando me levava, às tardes, à catedral!... Lembro-me sobretudo dos seus olhos e da chama luminosa e trágica com que eles olhavam para um estudante que passeava no átrio, embuçado numa capa azul. Aquele estudante infundia-me medo: era alto e esgrouviado, com cara de morto e olhos de tigre, uns olhos terríveis sob as sobrancelhas finas e duras. Para que maior fôsse a sua semelhança com os mortos, ao andar rangiam-lhe os ossos do joelho. Minha mãe odiava-o, e para o não ver, tinha fechadas as janelas de nossa casa, que davam para o átrio das Platerias. Aquele tarde recorde que passava, como todas as tardes, embuçado na sua capa azul. Alcançou-nos na porta da catedral, e tirando debaixo do emboço a sua mão de esqueleto, molhou-a em água benta e ofereceu-a a minha irmã que tremia. Antónia dirigiu-lhe um olhar de súplica e ele murmurou com um sorriso:

— Estou desesperado!

III

Entramos numa capela, onde algumas velhas rezavam as Cruzes. É uma capela grande e escura, com a sua tarima cheia de ruídos sob a abóbada românica. Quando eu era menino, aquela capela tinha para mim uma sensação de paz campestre. Dava-me um prazer de sombra, como a copa dum velho castanheiro, como as latadas diante dalgumas portas, como uma cova de ermitão no monte. As tardes sempre havia roda de velhas a rezar as Cruzes. As vozes, fundidas num murmúrio de fervor, abriam-se sob as abóbadas e pareciam iluminar as rosas do vitral

como o sol posto. Sentia-se um vôo de orações glorioso e fanhoso, e um surdo arrastar sobre a tarima, e uma campainha de prata agitada pelo menino acólito ao levantar a vela acesa sobre o ombro do sacerdote, que soletira a Paixão no seu breviário.

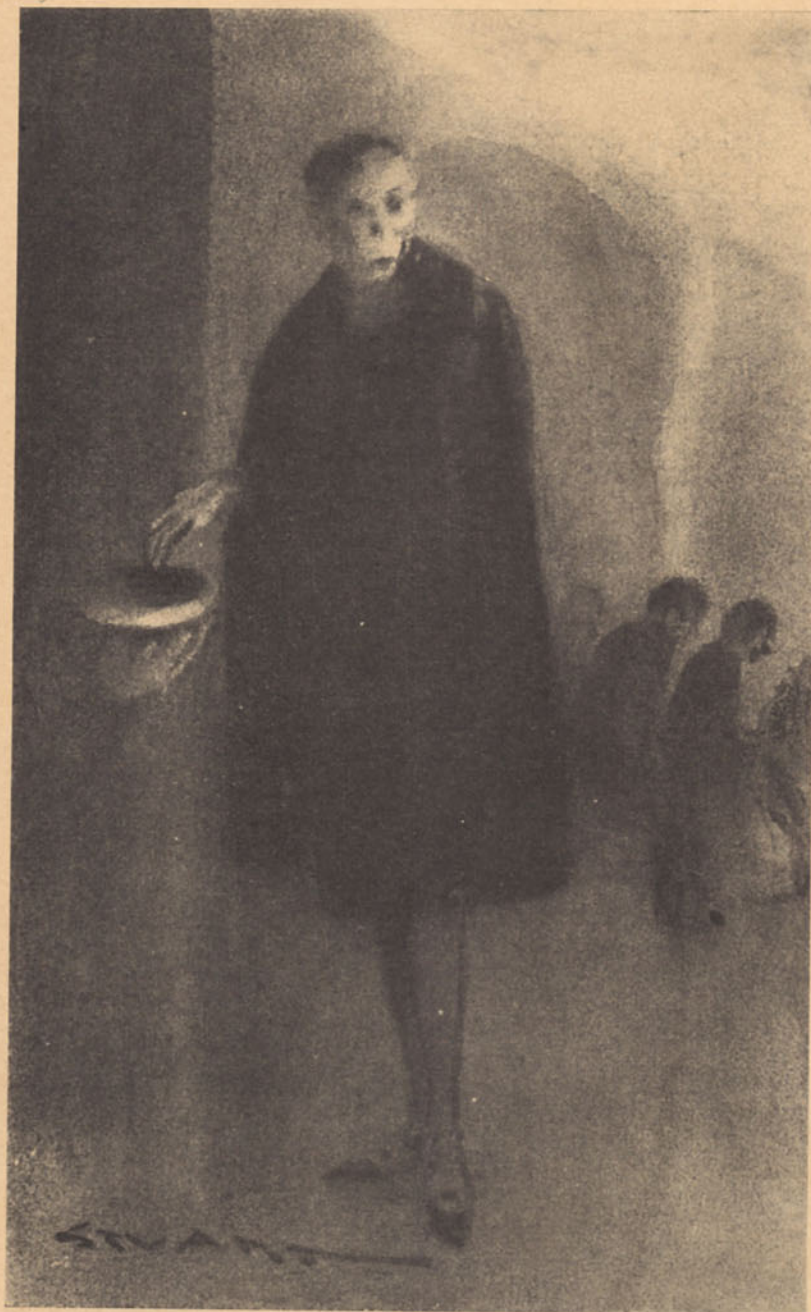
Oh, Capelinha da Corticela, quando será que esta alma minha, tão velha e tão cansada, tornará a submergir-se na tua sombra balsâmica!

IV

Choviscava, à noitinha, quando atravessávamos o adro da catedral para voltar a casa. No saguão, como era grande e escuro, minha irmã sentiu, decerto, medo, porque corria ao subir a escada, sem me soltar a mão. Ao entrar, vimos nossa mãe cruzar a saleta e sumir-se por uma porta. Eu, sem saber porquê, cheio de curiosidade e de temor, levantei os olhos para minha irmã, e ela, sem dizer nada, inclinou-se e beijou-me. Em meio duma grande ignorância da vida, adivinhei o segredo de minha irmã Antónia. Senti-o pesar sobre mim como um pecado mortal, ao cruzar aquela saleta onde fumegava um candieiro de petróleo que tinha o vidro partido. A chama formava dois cornos e recordava-me o Diabo. A noite, deitado e às escuras, esta semelhança avultou dentro de mim sem me deixar dormir, e tornou a perturbar-me muitas noites mais.



Passeava no adro, embuçado numa capa azul...



Mergulhou a mão na água benta...

V

Seguiram-se algumas tardes de chuva. O estudante passeava no adro da catedral diante da portaria, mas minha irmã não saía para rezar a Via-Sacra. Eu, algumas vezes, estudando a minha lição na sala cheia do aroma das rosas murchas, entreabria uma janela a observá-lo: passeava só, com um sorriso crispado, e, ao anoitecer, o seu aspecto de morto era tal, que metia medo. Retirava-me, a tremer, da janela, mas ainda o via, sem poder apreender a lição. Na sala grande, fechada e sonora, sentia-lhe o andar com ranger de canelas e rótulas... O gato miava detrás da porta, e parecia-me que

se conformava o seu miar com o nome do estudante:

— Máximo de Bretal!

VI

Bretal é um casario na montanha, perto de Santiago. Os velhos usam «monteras» bicuda e saio de estaménha, as velhas fiam nos estúbulos por serem mais abrigados que as casas, e o sacristão dá escola no adro da igreja. Sob a sua palmatória, os meninos aprendem a letra jurídica de escrivães e regedores, salmodiando as escrituras foraleiras numa casa de morgados já desfeita. Máximo de Bretal pertencia àquela casa. Veiu

para Santiago estudar teologia, e, nos primeiros tempos, uma velha que vendia mel, trazia-lhe da aldeia o pão de brôa para a semana e o toucinho. Vivia com outros estudantes do mesmo curso numa estalagem onde só pagavam a cama. São êstes os seminaristas pobres a quem chamam *códiros*. Máximo de Bretal já tinha Ordens Menores quando entrou em nossa casa para ser explicador de Gramática Latina. Recomendara-o a minha mãe como uma obra de caridade o Abade de Bretal.

Veiu-lhe agradecer uma velha com coifa, e trouxe-lhe de presente um açafate de maçãs reinetas. Numa daquelas maçãs, disseram depois, que devia estar o feitiço que enfeitiçou minha irmã Antónia.

VII

Nossa mãe era muito piedosa e não acreditava em agoiros nem bruxedos, mas algumas vezes fingia que sim para desculpar a paixão que lhe consumia a filha.

Antónia, por aquela altura, já começava a ter um ar do outro mundo como o estudante de Bretal. Ainda a vejo bordar no fundo da sala, desvanecida, como se a visse no fundo dum espelho, com os seus movimentos lentos que pareciam responder ao ritmo duma outra vida, a voz apagada, o sorriso longe de nós: Tôda branca e triste, flutuante num mistério crepuscular, e tão pálida que parecia ter halo como a lua.

...E minha mãe, levantava a cortina duma porta, e olhava para ela, afastando-se outra vez sem ruído.

VIII

Voltavam as tardes de sol com os seus ouros ténues, e minha irmã, como dantes, levava-me a rezar com as velhas à Capelinha da Corticeira. Eu tremia que outra vez aparecesse o estudante e estendesse à nossa passagem a sua mão de fantasma, gotejando água benta. Com o susto olhava para minha irmã e via-lhe a boca a tremer. Máximo de Bretal, que estava tôdas as tardes no adro, quando nós nos aproximávamos, desaparecia, e depois, ao cruzar as naves da catedral, viamo-lo surgir na sombra dos arcos. Entramos na capela, e êle ajoelhava nas grades da porta beijando as louzas que minha irmã acabava de pizar. Ficava ali ajoelhado como um vulto de sepulcro, com a capa sôbre os ombros e as mãos juntas. Uma tarde, quando saíamos, vi seu braço de sombra estender-se diante de mim, e enclavinhá-lo entre os dedos uma ponta da saia de Antónia:

— Estou desesperado!... Hás-de ouvir-me, hás-de saber como soffro... Já não queres olhar para mim?...

Antónia murmurou, branca como uma flôr:
— Deixe-me, Máximo.

— Não te deixo. És minha, a tua alma é minha... Não quero o teu corpo, que êsse pertence à morte. Olha-me, que os teus olhos se confessem com os meus. Olha-me!

E aquela mão de cera puxava tanto pela saia de minha irmã, que a rasgou. Mas os olhos inocentes confessaram-se com aqueles olhos claros e terríveis. Eu, pensando nisso, chorei aquela noite na escuridão, como se minha irmã tivesse fugido de nossa casa.

IX

Eu continuava estudando a minha lição de latim naquela sala, cheia do aroma das rosas murchas. Algumas tardes, minha mãe entrava como uma sombra e desvanecia-se no estrado. Sentia-a suspirar, enterrada a um canto do grande sofá de damasco, e distinguia o rumor do seu rosário. Minha mãe era muito bela, branca e loira, sempre vestida de seda, com luva preta numa mão pela falta de dois dedos, e a outra, que era como uma flôr, tôda coberta de anéis. Esta era a que nós beijávamos sempre e a mão com que ela nos acariciava. A outra, a da luva preta, costumava dissimulá-la entre o lençinho de renda, e só a mostrava tôda quando se persignava, triste e sombria, sôbre a alvura da sua fronte, sôbre a rosa da sua boca, sôbre o seu seio de Madona.

Minha mãe rezava sumida no sofá do estrado, e eu, para aproveitar a réstea de luz que entrava pelas janelas encostadas, estudava o meu latim no outro extremo, com a gramática aberta sôbre uma dessas antigas mesinhas com taboleiro de damas. Mal se via naquela sala solene, grande, fechada e sonora. Algumas vezes minha mãe, interrompendo as rezas, dizia-me que abrisse mais a sacada. Eu obedecia em silêncio, e aproveitava o ensejo para lançar um olhar ao adro, onde o estudante continuava passeando, entre a bruma do crepúsculo. De súbito, aquela tarde, quando eu olhava, desapareceu. Voltei a salmodiar o meu latim, e bateram à porta da sala. Era um padre franciscano, chegado há pouco da Terra Santa.

X

O Padre Bernardo fôra, outrora, confessor de minha mãe, e ao voltar da sua peregrinação, não se esqueceu de lhe trazer um



Minha mãe era muito bela...

rosário feito com caroços de azeitonas do Monte Oliveto. Aquela tarde era a segunda vez que entrava em nossa casa, desde que regressara ao seu convento de Santiago. Eu, ao vê-lo entrar, deixei a Gramática e corri a beijar-lhe a mão. Fiquei ajoelhado com os olhos postos nele, esperando a sua bênção e

pareceu-me que fazia uma figa. Ai, fechei os olhos espantado com aquela mofa do Demônio! Com um calafrio compreendi que era uma tentação sua, como aquelas que vinham nas histórias de santos que eu começava a ler em voz alta diante de minha mãe e da Antônia. Era uma tentação para me fazer pecar, parecida com a outra que se conta de Santo Antônio de Pádua. O padre Bernardo, que minha avó diria um santo sôbre a terra, distraiu-se cumprimentando a ovelha doutro tempo e esqueceu-se de lançar a bênção sôbre a minha cabeça rapada e triste, com as orelhas muito separadas como para voar. Cabeça de menino sôbre quem pesam as lígubres cadeias da infância; o latim de dia, e o medo dos mortos, à noite.

O frade falou em voz baixa com minha mãe, e minha mãe levantou a sua mão da luva:

— Sai daqui, menino!

XI

Basilisa la Galinda, uma velha que fôra ama de minha mãe, agachava-se detrás da porta. Vi-a e puxou-me pelo vestido, pondo-me na boca a palma arrugada:

— Não grites, maroto.

Eu olhei-a fixamente porque lhe encontrava uma estranha semelhança com as gargulas da catedral. Ela, passado um momento, empurrou-me com brandura:

— Vai-te embora!

Sacudi os ombros para me desprender da sua mão, que tinha as rugas negras como tisanas, e fiquei a seu lado. Ouvia-se a voz do franciscano:

— Trata-se de salvar uma alma...

A Basilisa tornou-me a empurrar:

— Sai daqui, que tu não podes ouvir...

(Continua.)



Bretal é um casario branco na montanha...



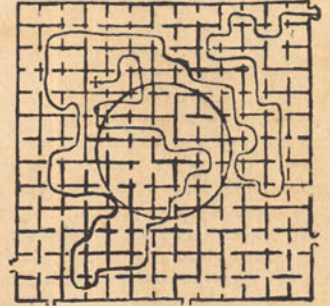
Passatempo



A verem esta faina andam por aquí mais seis homens do campo. Em os procurando logo os encontram

O LABIRINTO GIRATORIO

(Solução)



O AMOR E OS POETAS

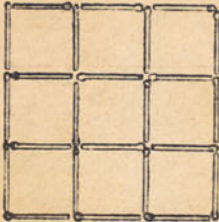
Numa recepção organizada em Roma, em honra do grande poeta italiano Gabriel D'Annunzio, um dos convidados perguntou-lhe:

—Que diferença cre que exista entre o primeiro e o último amor?

Ao que D'Annunzio retorquiu:

—Julga-se sempre que o primeiro amor é o último, quando o último é que é justamente o primeiro.

PACIENCIA



Com 24 fósforos dispõe-se sobre a mesa uma figura semelhante à que a gravura representa, isto é, um conjunto de 9 quadrados iguais. Tirem-se dela, em seguida, 8 fósforos, de maneira, porém, que fiquem 2 quadrados unicamente.



O explorador para as visitas, narrando as suas aventuras:—O ponto em que nos encontrávamos era tão afastado, que durante um ano inteiro, minha mulher nunca viu uma cara branca senão a minha.

Uma senhora, (compadecida):—Ah! pobre dela, coitada!



A MÃO, POR CARIDADE

Conta-se do célebre homem de Estado e militar francês, general Gallifet, que em certa ocasião, numa quermesse que se celebrava em Paris, uma senhora insistiu tanto com êle para lhe comprar alguma coisa que por fim o general deu 500 francos.



— O Alvaro diz que está apaixonado por ti.
— Falso?
— Foi o que eu lhe disse, justamente.

HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

PUBLICADA SOB A DIRECÇÃO DE
ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO
Da Academia das Ciências de Lisboa

ALGUNS DOS PRINCIPAIS COLABORADORES

AFONSO LOPES VIEIRA, escritor.
AFONSO DE DORNELAS, da Academia das Ciências de Lisboa.
AGOSTINHO DE CAMPOS, da Academia das Ciências, professor.
AGOSTINHO FORTES, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
ALVARO NEVES, escritor, Conservador da Biblioteca do Congresso da República.
ANTÓNIO BAIÃO, da Academia das Ciências, director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
AUGUSTO GIL, da Academia das Ciências, director geral das Belas Artes.
BRITO CAMACHO, escritor.
CARLOS MALHEIRO DIAS, da Academia das Ciências, escritor, director da *História da Colonização do Brasil*.
CRISTÓVÃO AIRES, secretário geral da Academia das Ciências de Lisboa.
CORREIO DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa.
EUGÉNIO DE CASTRO, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA, da Academia das Ciências, director do Arquivo Histórico Militar.
GUALDINO GOMES, director interino da Biblioteca Nacional de Lisboa.
HENRIQUE LOPES DE MENEZES, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Escola de Belas Artes.
HENRIQUE DE VILHENA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, director do Instituto de Anatomia.
JOÃO DE BARROS, da Academia das Ciências de Lisboa, director geral da Instituição Primária, professor.
JOÃO LÍCIO DE AZEVEDO, da Academia das Ciências de Lisboa.
JOAQUIM DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras, director da Biblioteca e Administrador da Imprensa da Universidade de Coimbra.
JOAQUIM LEITÃO, da Academia das Ciências de Lisboa.
JORDÃO DE FREITAS, director da Biblioteca da Ajuda de Lisboa.
JOSÉ DE FIGUEIREDO, da Academia das Ciências, director do Museu Nacional de Arte Antiga.
JOSÉ JOAQUIM NUNES, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS, da Academia de Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, director do Museu Etnológico.
JOSÉ MARIA DE OLIVEIRA SIMÕES, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo professor da Escola de Guerra.
JOSÉ MARIA RODRIGUES, da Academia das Ciências, professor de *Estudo Camoensino* na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JÚLIO DANTAS, Presidente da Classe de Letras da Academia das Ciências, Inspector das Bibliotecas e Arquivos Nacionais, Director da Escola de Arte de Representar.
LUÍS XAVIER DE COSTA, da Academia das Ciências de Lisboa, Presidente da Associação dos Arqueólogos.
MANUE DE OLIVEIRA RAMOS, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
MANUE DA SILVA GAIO, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo Secretário Geral da Universidade de Coimbra.
MARTINHO AUGUSTO DA FONSECA, da Académias das Ciências de Lisboa.
MOSES BENBASAT AMZELACK, da Academia das Ciências de Lisboa, professor do Instituto Superior do Comércio de Lisboa.
F. M. LARANJO CORREIO, da Academia das Ciências de Lisboa, Conservador do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Director da Secção de Diplomática da Associação dos Arqueólogos.
QUEIRÓS VELOSO, da Academia das Ciências de Lisboa, Director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
REINALDO DOS SANTOS, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.
RICARDO JORGE, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Director Geral da Saúde Pública.
S. COSTA SANTOS, escritor.

EDIÇÃO MONUMENTAL

A HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

(FORMATO 32 x 25)

EM TOMOS MENSAIS DE 32 PÁGINAS,
ÓTIMO PAPEL COUCHÉ,
MAGNIFICAMENTE ILUSTRADOS

CONTERA

biografias completas, retratos, vistas, costumes, monumentos, rostos de edições raras, manuscritos, miniaturas e fac-símiles de autógrafos, em soberbas gravuras, algumas das quais *HORS TEXTE*, a cores.

CONSTITUINDO

um precioso álbum em que pela primeira vez, entre nós, se realça uma tão completa e curiosíssima documentação gráfica.

ARTIGOS DE ESPECIALIZADOS PROFESSORES E LITERATOS DE NOME CONSAGRADO

CADA TOMO... .. 10\$00

HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND
PARIS — LISBOA

BOLETIM DE ASSINATURA

Desejo assinar a HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA por.....
.....(3 meses, 6 meses, 1 ano ou receber pelo correio contra reembolso, conforme assinatura especial abaixo indicada).

NOME

MORADA

Lisboa, de de 192...

ASSINATURA

PREÇOS INCLUINDO EMBALAGENS REFORÇADAS

CONTINENTE E ILHAS:

Assinatura especial de cada número saído mensalmente e pelo correio contra reembolso (só para o continente e ilhas) 11\$50

Assinatura (pagamento adiantado) 3 meses 6 meses 1 ano
30\$00 59\$00 118\$00

REGISTADO

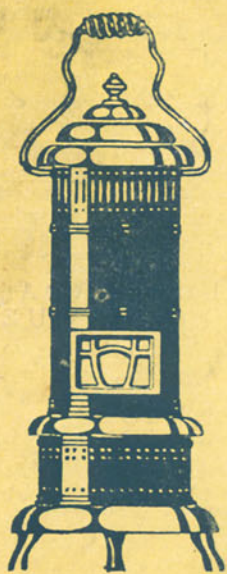
ÁFRICA ORIENTAL, OCIDENTAL E ESPANHIA 34\$50 67\$00 132\$00
ÍNDIA, MACAU E TIMOR..... 36\$00 79\$00 138\$00
ESTRANGEIRO 37\$00 72\$00 142\$00

Cada tomo avulso, não incluindo porte e embalagem 10\$00



Sua Esposa é a mulher mais interessante do mundo, por consequencia se V Ex.^a não ousaria apresentar-se em pantufas na frente de qualquer senhora, com muito mais forte razão isso não deve acontecer em frente de sua Esposa.

Não tenha medo do frio O frio combate-se facilmente, mas já o mesmo não acontece com o ridiculo. Deite tora as suas ridiculas pantufas. Leve para casa, para junto de sua Esposa, a temperatura da Primavera. Adquira um Calorifero da Vacuum — faça-o trabalhar só com



Petroleo
SUNFLOWER

VACUUM OIL COMPANY

272

R. ROCIO, 67

Telet N 3075